



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

FACULDADE DE TEOLOGIA

Instituto Universitário de Ciências Religiosas

MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS

Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica

Rosalina Maria Felício Mendes Rodrigues

A Partilha do Pão

Uma reflexão no âmbito da lecionação da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica da Unidade Letiva 3, do 6º ano Escolaridade do 2º ciclo do Ensino Básico.

Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada sob orientação de:

Professor José Manuel Pereira de Almeida

Mestre Juan Francisco Ambrósio

Lisboa 2016

«Só nesta Luz podemos apreciar a contribuição distinta da educação católica, que se envolve numa “diaconia da verdade” inspirado por uma caridade intelectual que sabe que levando outros à verdade é finalmente um ato de amor»

(BENTO XVI (cf. Discurso aos educadores católicos, Washington.(2008).

Agradecimentos:

É grande a minha gratidão e reconhecimento a Deus, que me deu força, persistência para que este momento se tornasse possível. *«Eu vos louvarei de todo o coração, Senhor, porque ouviste as minhas palavras. Na presença dos anjos eu vos cantarei» (Sal 137-1.).*

Agradecendo também a todos aqueles que tornaram a realização deste trabalho possível. Também o meu reconhecimento ao Professor José Manuel Pereira de Almeida, orientador deste relatório, pelo apoio prestado na sua elaboração. A sua orientação baseada na motivação, questionamento crítico e liberdade criativa nunca serão esquecidas e são dignas de mérito.

Não podendo de igual forma deixar de agradecer a todo o acompanhamento, incentivo e motivação, apoio e disponibilidade demonstrada em todas as fases que levaram à concretização deste trabalho. Os orientadores do estágio.

Bem haja, Professor Juan Francisco Ambrósio. Igualmente agradeço à Professora Cristina Sá Carvalho por todos os bons ensinamentos, que me fizeram crescer na minha preparação como profissional.

Agradeço também à Direção do Agrupamento de Escolas Dom Dinis. Escola Básica 2-3 Damião de Góis, onde decorreu o Núcleo da Prática de Ensino Supervisionada. E ao professor José António Oliveira, pelo seu acolhimento e orientação, contributo e disponibilidade que levaram à concretização deste trabalho para o meu progresso enquanto estagiária.

Um agradecimento aos alunos que implicitamente participaram neste projeto, tendo um papel crucial, sem eles nada disto fazia sentido, nem seria possível.

Gostaria ainda de agradecer à minha colega de estágio Susana Querido, pelo seu apoio nos momentos menos bons. Obrigada pela excelente equipa que formamos.

Agradeço especialmente à minha família pelo apoio incondicional. Nomeadamente ao meu marido e filhas. Que me deram força para conseguir concretizar esta importante etapa da minha vida. Não sei como se pode descrever em palavras o agradecimento às pessoas que nos completam, que tornam tudo suportável e possível.

Resumo:

O presente relatório da Prática de Ensino Supervisionado foi elaborado no âmbito do Mestrado em Ciências Religiosas. Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica, ministrado pela Faculdade de Teologia de Lisboa da Universidade Católica Portuguesa. Descreve o trabalho desenvolvido pela professora estagiária Rosalina Maria Felício Mendes Rodrigues.

A Prática Pedagógica teve lugar na Escola Básica 2-3 Damião de Gois. Agrupamento de Escolas D. Dinis. Marvila-Lisboa.

Encontra-se estruturado em torno de três capítulos, nomeadamente:

I-Enquadramento científico e pedagógico da Prática de Ensino Supervisionada.

II-Investigação desenvolvida sobre «A Partilha do Pão». Fundamentando a UL-3 6º Ano de Escolaridade.

III-É Finalizado com uma Proposta/ projeto. Criação de um Clube. No âmbito da Disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica. A Implementar na Escola onde fiz o meu percurso de estágio pedagógico. Escola Básica 2-3 Damião de Gois. Agrupamento de Escolas D. Dinis. Marvila-Lisboa.

Objetivo: Promover a partilha e o cuidado do outro. Reconhecer o valor da solidariedade.

Palavras-Chave: Educação, Partilha, Dignidade, Solidariedade e Bem Comum.

Abstract:

The present report on Supervised Teaching Practice describes and compiles the work developed by the trainee teacher Rosalina Maria Felício Mendes Rodrigues within the Master in Religious Science. Specialization: Moral and Religious Catholic Education, ministered by Lisbon Faculty of Theology of Portuguese Catholic University.

The teaching practice was developed in Elementary School 2-3 Damião de Gois. D. Dinis School Cluster. Marvila, Lisbon.

This report is subdivided in three chapters, namely:

I- Scientific and educational framework of the Supervised Teaching Practice.

II- Developed research on «A Partilha do Pão». Base for the UL-3 of the 6th grade.

III- Finally a project is presented. Foundation of a club within the Moral and Religious Catholic Education class in the school where the pedagogic internship was developed – Elementary school 2-3 Damião de Gois. D. Dinis School cluster. Marvila, Lisbon.

Purpose: Promote the sharing and caring for others. Recognition of the value of solidarity.

Key words: Education, Sharing, Dignity, Solidarity and Commonweal.

Índice

Lista de Siglas

Introdução.....	9
-----------------	---

I-Capítulo

1- Reflexão enquanto docente em contexto escolar.....	12
2- Caracterização da Escola.....	15
2.1-A Sua História.....	16
2.2-Contexto Social.....	17
3- Caraterização da Turma.....	18
4- Elaboração e reflexão da unidade letiva lecionada.....	23
5- Reflexão e experiência letiva em contexto de sala de aula.....	27

II- Capítulo

«A partilha do Pão»

1-A partilha.....	32
2-Alimentos como simbologia do Dom.....	38
3-Pão Partilhado a Última Ceia.....	41
4-Cultura, ecologia e economia.....	46
5-Desafio para a solidariedade.....	51

III Capítulo

1-Memória descritiva da Proposta/ projeto.....	60
1.1- Desenvolvimento da Proposta/ projeto, Clube da Partilha e Solidariedade.....	61

Conclusão	70
Bibliografia.....	76
Anexos.....	79

Lista de Siglas:

AEDD-Agrupamento de Escolas Dom Dinis.

CDSI-Compendio Doutrina Social Igreja.

CIC-Catecismo da Igreja Católica

DUDH-Declaração Universal dos Direitos Humanos.

EFA-Educação e Formação de Adultos.

EMRC-Educação Moral Religiosa Católica.

FAO-Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura.

GAAF-Gabinete de Apoio ao Aluno e à Família.

GS-Constituição Pastoral «Gaudium et Spes» sobre a Igreja no mundo atual.

IPSS-Instituições Particulares de Solidariedade Social.

LBSE-Lei de Bases do Sistema Educativo.

NOS-O Núcleo de Observação Social.

ONG-Organizações Não Governamentais.

ONU- Organização das Nações Unida

PPT- Powerpoint; Apresentador gráfico

SNEC-Secretariado Nacional de Educação Cristã

SPA-Substancias Psicoativas.

TEIP3-Território Educativo de Intervenção Prioritário, fase 3.

UNICEF-O Fundo das Nações Unidas para a Infância.

Introdução:

O segundo ano do II Ciclo de Estudos do Mestrado em Ciências Religiosas. Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica. Tem como finalidade a dinamização de teorias e práticas de ensino/aprendizagem, dotando o docente da disciplina com novas estratégias e modelos pedagógico-didáticos. Nele se integram duas componentes: a prática letiva com a realização do respetivo Portefólio e o Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada.

Foi-me proposta para lecionação, uma turma de Sexto Ano, Segundo Ciclo. Turma B -Ano Letivo 2015-2016. A Lecionar na Escola Básica 2-3 Damião de Gois. Agrupamento de Escolas D. Dinis. Marvila-Lisboa. Tendo como orientador o Professor, José António Oliveira.

A minha reflexão será feita sobre a Unidade Letiva 3-«A Partilha do Pão», Manual do aluno, *Estou Contigo*, SNEC, Lisboa, 2015.

Nesta defesa de mestrado será inserida uma reflexão sobre uma unidade letiva da nossa Prática de Ensino Supervisionado, a minha escolha recaiu sobre a Unidade letiva-3 «A partilha do Pão» O que suportou a minha escolha de referência por esta unidade, vem já da compreensão que fui fazendo ao longo das outras aulas lecionadas à turma. Foi a partir de um melhor conhecimento dos alunos, dos gostos, interesses e preocupações que foram partilhando comigo.

A Unidade Letiva -3 «A Partilha do Pão», tem conteúdos que despertam o interesse dos alunos, pelo facto do seu contexto social ser muito heterogéneo, fala da alimentação sobre a perspetiva cultural e social. Reconhecem situações sociais onde está bem patente a injusta distribuição dos bens. Como já fiz referência esta turma é composta por alunos de várias etnias e culturas diferenciadas. A alimentação também é um tema que desperta grande interesse e preocupação aos alunos devido ao seu contexto socioeconómico. Foi sempre minha preocupação ajudá-los a minimizar o estigma social que os alunos vivenciam diariamente, dando-lhes uma melhor compreensão e responsabilização pela promoção da partilha, promovendo o bem comum de forma a colmatar as necessidades que possam identificar no seu meio envolvente.

A nossa preocupação também vai no sentido de despertar e alertar que a partilha a solidariedade são os benefícios sociais que a maior parte destas famílias recebem/vivem para que possam ter uma melhor dignidade de vida.

Pretendo também consciencializa-los que as ajudas não são um dado adquirido ou uma forma de vida, pois cabe a cada um ser responsável pela luta de uma vida melhor. Falamos sobre os benefícios

que recebem, são fruto de um grande trabalho e esforço de algumas identidades que vêm neste tipo de iniciativa um suporte de vida e ajuda para as comunidades mais carenciadas.

Os alunos têm que perceber que, para que haja bens para distribuir e partilhar existe um envolvimento crescente do mundo empresarial e estatal e particular. O apoio desenvolvido nas questões sociais assegura inúmeros projetos nas áreas de solidariedade social, saúde, ambiente, e educação. Evidenciei a importância na formação e promoção de uma sociedade inclusiva e o desenvolvimento de uma cidadania consciente, participativa e responsável, de forma a garantir uma proteção social de qualidade ao longo do ciclo de vida dos indivíduos e a disseminação da solidariedade pela comunidade. Não devemos de deixar salientar que:

«Igreja Católica, inspirada no Evangelho, está empenhada na luta contra a fome. A Santa Sé participa na ONU e nas assembleias gerais da FAO como observadora, o que lhe permite denunciar a pobreza e contribuir para desbloquear situações em que se impõe a procura de entendimentos entre diferentes países e a defesa dos mais pobres. As congregações religiosas, as missões, as instituições de solidariedade da Igreja e as paróquias são estruturas da Igreja Católica que oferecem, em todo o mundo, apoio direto à promoção da dignidade humana»¹

Também se pretende realçar a importância da alimentação e do alimento como um dom de Deus, fomentar o espírito crítico sobre a produção dos alimentos e pela comercialização, pelas políticas económicas e sobre o pagamento injusto ao produtor, onde as grandes redes comerciais especulam de forma injusta, o que leva a que, os produtos sejam vendidos por valores muito altos, fora do alcance de compra das camadas sociais mais desfavorecidas.

Trabalhar os direitos humanos, no sentido que o alimento é um direito inalienável de todos os seres humanos.

Também foi interessante descobrir que os alunos ao longo das aulas foram desenvolvendo uma boa compreensão dos conteúdos lecionados, assim como argumentos críticos dos assuntos relacionados com o conhecimento do trabalho desenvolvido das instituições de Solidariedade Nacional, nomeadamente da Cáritas, Banco Alimentar, e das ajudas que as paróquias oferecem dando apoio para a promoção da dignidade humana. Ao fazer a escolha desta unidade letiva, como sendo a minha de referência, percebi que iria trabalhar num “solo fértil” onde o trabalho a desenvolver iria dar frutos com toda a certeza.

¹ Manual do Aluno, *Nós e o Mundo*, 6^{oo} ano, SNEC, Lisboa, 2009, P.174.

Perante este reconhecimento, o objetivo foi desenvolver um trabalho com a turma de forma a incentivá-los com gestos concretos de partilha e solidariedade.

Trabalhar no sentido que todos temos que ter consciência de que a partilha dos bens supõe a partilha de si.

Explicar que o bem comum, diz respeito a todos. Que todos devem colaborar e ser responsáveis, cada um à sua maneira e no seu âmbito de responsabilidade, começando pelos que nos são mais próximos. Também achamos por bem, para dar continuidade a este trabalho fazer uma proposta/projeto que será implementado na escola onde foi realizado o estágio.

Então a formação do Clube visa ocupar os tempos livres dos alunos, inscritos ou não em EMRC. O Funcionamento do clube será desenvolvido no âmbito de EMRC. A Proposta/ projeto está fundamentado com legislação em vigor, sob normas do Ministério da Educação e previsto na Lei de bases do mesmo.

A Proposta / projeto está referenciada na memória descritiva do próprio projeto. E incluído neste relatório.²

² Cf. Proposta /Projeto no Capítulo III. Inserido neste relatório. P 62

1-Reflexão enquanto docente em contexto escolar:

À medida que fui fazendo uma abordagem e enquadramento sobre o conteúdos científicos e pedagógicos, o estágio, foi-se revelando um desafio para melhorar a minha prestação como professora. Pretendo com este meu investimento pessoal, ter um melhor desenvolvimento social e profissional com a intencionalidade de melhorar as minhas práticas educativas, a minha prestação como pessoa e educadora.

O professor não pode de forma alguma descurar o conhecimento dos seus alunos e o seu meio envolvente. A escola onde realizei o meu estágio da Prática de Ensino Supervisionada, é constituído por uma comunidade multicultural, é um facto, uma condição da nossa estrutura social.

«Todas as sociedades são constituídas numa fundação de suposições demográficas .Quando estas suposições se alteram, tal como acontece de quando em quando, o resultado é um enorme choque em toda a sociedade»³

Ser professor, é saber estar á altura de desenvolver a sua atividade profissional, com as novas estruturas sociais e culturais e até religiosas, que nas nossas escolas hoje se fazem representar. Os alunos constroem significados de interação com outras culturas, a aprendizagem passa também por esta relação cultural e social e religiosa.

«[...]A escola católica deve estar presente no pluralismo cultural. Antes de poder falar de fé na educação, o sentido da fé deve ser visível, ela deve ser mostrada e vivida na qualidade da nossa relação pedagógica, no clima de serviço do outro na escola, na vida em comunidade e na sua abertura para o mundo[...]»⁴

A carreira de um professor é muito gratificante para todos os que sejam capazes de responder aos desafios sociais e intelectuais que esta profissão coloca. É dever do professor, enquanto profissional, ser eficaz no sentido de auxiliar o aluno a adquirir as competências necessárias para se formar como pessoa, cidadão consciente e futuro profissional.

³.ARENDS, Richard, *Aprender a Ensinar*, Editora, Mc Graw-Hill, *Alfragide*, 2008, P.8.

⁴ VERHACK, Etienne, *A Perspetiva de Uma Escola Católica Cada Vez Mais Multicultural*, in Pastoral Catequética, Revista da Catequese e Educação, nº 27, (2013), P.72.

Para um bom desempenho profissional, o professor tem que saber planificar cuidadosamente o seu trabalho a curto, médio e longo prazo. O processo ensino/aprendizagem pressupõe um planeamento que deverá estar enquadrado com o programa da disciplina. Adaptado às condições materiais da escola, à especificidade da disciplina e à realidade humana a que o ensino se destina, os alunos.

Ser professor é ter a capacidade de ensinar com rigor e responsabilidade. É saber comunicar a matéria e variar os métodos e estratégias de ensino, fomentando a troca de ideias, é estar atento à prestação individual, é ter liberdade de orientação e estar ao serviço da sociedade. O professor tem um papel importante e útil ao nível das tarefas de ensino e formação dos seus alunos, produzindo novos saberes. Dele se deve exigir, rigor e competência no seu domínio e na abordagem dos conhecimentos e das matérias. O professor deve ser capaz de comunicar bem a matéria e interrogar-se sobre a melhor maneira de a tornar interessante, apelativa para que não se torne um simples repetidor da matéria a transmitir, e despertar um maior interesse nos alunos.

«O tema da educação adquire hoje uma importância decisiva, tanto maior quanto mais está em contínua evolução o contexto social e económico em que estamos inseridos. A globalização, com os seus ritmos frenéticos e uma competitividade exacerbada, impõe que não se descure a atualização a formação e a inovação, aspetos inseparavelmente ligados entre si. Uma sociedade que não invista energias económicas e humanas na escola, na formação e na inovação acaba por subordinar o homem ao trabalho e ao dinheiro[...] O contexto cultural em que estamos inseridos é frequentemente marcado por um ceticismo e um individualismo que atacam os próprios pressupostos da educação, acabando por reduzi-la a uma mera transmissão de conhecimentos e capacidades técnicas[...]»⁵

O professor tem que ter conhecimento sobre os interesses dos alunos, para que possa diversificar as estratégias para ir ao encontro dos seus gostos. Tem sido a minha preocupação, adaptar uma linguagem acessível à faixa etária e ao contexto social, para que todos se sintam integrados, o meu principal objetivo foi o de contribuir para que os alunos adquirissem conhecimentos, que tivessem uma maior interatividade de forma a ajudá-los na construção da sua identidade como pessoa e cidadão responsável, conceitos por vezes tão distantes da sua realidade quotidiana.

Foi-me sempre facultado um acompanhamento na elaboração da planificação da aula, por parte do Professor cooperante, que se revelou de grande utilidade. Assim como outras orientações e conhecimentos o que me fez melhorar na minha prestação como docente, dando-me uma maior

⁵ BAGNASCO, Ângelo, *A Igreja em defesa da escola*, Conferência proferida no laboratório nacional «A igreja pela escola», Arcebispo de Génova, Presidente da Conferência Episcopal italiana, in *Pastoral Catequética, Revista de Catequese e Educação*, nº 27,(2013),P.47-48.

confiança de forma a poder melhorar, inovar e consagrar de uma forma criativa o meu trabalho, como professora.

Tendo consciência que este estágio me veio enriquecer na aquisição de competências para poder exercer e desenvolver funções como professora. O estágio revelou-se eficaz, devido ao trabalho desenvolvido colaborativamente com o coordenador e os Professores orientadores da Faculdade, que contribuíram para que os estagiários adquirissem as aprendizagens e as competências consagradas na orientação e desempenho das tarefas como professores e futuros profissionais.

«Aprender a ser professor é uma viagem longa e complexa, repleta de desafios e entusiasmos. Começa com as muitas experiências que temos com os nossos pais, e irmãos, continua enquanto observamos professor após professor ao longo de dezasseis a vinte anos de escolaridade, e culmina formalmente com a formação profissional, continuando no entanto ao longo de uma vida inteira de experiência de ensino»⁶

⁶ ARENDS, Richard, *Aprender a Ensinar*, P.15.

2- Caracterização da Escola:

Ilustração - 1: Escola Sede do agrupamento de Escolas D. Dinis



A escola Básica Damião de Góis (2,3) de Lisboa está situada no Bairro dos Loios, na Rua Cassiano Branco, pertencente à freguesia de Marvila, Concelho de Lisboa. Integrou na escola sede Agrupamento de Escolas D. Dinis (AEDD) em 26 de Abril de 2013. A escola sede é o antigo Liceu Nacional D. Dinis de Marvila, que iniciou em 1972, com a capacidade de integrar 900 alunos. Desde 1973 que iniciou o Curso Noturno mantendo-se até aos dias de hoje. O Agrupamento sofreu uma reestruturação em 2002 sob o projeto de intervenção de modernização realizada pelo Parque Escolar. A oferta formativa atual inclui o 3.º Ciclo do Ensino Básico e o Ensino Secundário, nas suas vertentes de prosseguimento de estudos (cursos científico-humanísticos de Ciências e Tecnologias, Ciências Socioeconómicas e Línguas e Humanidades) e de ensino profissional (cursos profissionais de Técnico de Apoio à Infância, Técnico de Gestão e Programação de Sistemas de Informação, Técnico de Multimédia, Técnico de Gestão de Apoio às Instalações Desportivas e Técnico Auxiliar de Saúde (este em fase de extinção, com turma apenas no 12.º ano).

A oferta formativa inclui ainda cursos em regime noturno, com Cursos de Educação e Formação de Adultos (EFA), na vertente escolar (básico e secundário). Funciona ainda o terceiro ano de um curso de dupla certificação, na área de Eletrónica, Automação e Computadores.

O Agrupamento de Escolas D. Dinis é composto por oito escolas: A Escola Sede Escola Secundária D. Dinis, Escola Básica de Góis, Escola Básica de Marvila, Escola Básica Professor Agostinho da Silva, Escola Básica Dr. João dos Santos, Escola Básica Luísa Neto Jorge e Escola Básica nº 195.

No pavilhão A, dois pisos, situam-se a sala de professores, sala de Diretores de Turma, sala de receção a Encarregados de Educação, sala de Assistentes Operacionais, Biblioteca, sala TIC, Direção, arquivo e reprografia.

Os pavilhões B e C, ambos de dois pisos, cada um é constituídos por doze salas de aula. Aqui estão incluídos o laboratório de Física e Química, Biologia, sala de Educação Visual e sala de Educação Tecnológica, sala de Música. Todas as salas já têm computador, mas nem todas têm projetor e tela.

No pavilhão D, estão situados o refeitório, a sala de alunos, papelaria e sala do GAAF (Gabinete de Apoio ao Aluno e à Família). Conta ainda com um pavilhão Gimnodesportivo e um campo exterior de jogos. (Gabinete de Apoio ao Aluno e à Família). Conta ainda com um pavilhão Gimnodesportivo e um campo exterior de jogos. É constituída por cinco pavilhões, existindo coberturas entre si.

Ilustração - 2: Escola Básica Damião de Góis.



2.1-A sua História.

A Escola Básica Damião de Góis de Lisboa iniciou a sua atividade em 1983/84, adotou como seu Patrono Damião de Góis, reconhecido no séc. XVI como um ilustre historiador e humanista português, que ligou Portugal e Europa. Tem a oferta educativa das turmas do 2º e 3º ciclo do ensino básico, um curso vocacional de 2.º ciclo de Desporto e Espaços Verdes, com as áreas de Jardinagem, Produção Agrícola e Desporto, e um curso vocacional de 3.º ciclo de Espaços Verdes, com as áreas de jardinagem, Produção Agrícola e Manutenção de Campos de Golfe.

2.2 - Contexto Social:

O Bairro onde se insere a escola foi projetado e construído para uma população prioritária ligada às Forças Armadas e Policiais e do Ministério da Justiça. No final da década de 60 e início da década de 70, o plano foi cumprido tendo também uma forte componente de famílias que migraram do Centro e Norte do país. Pós 25 de Abril, houve um surto de ocupação de casas na generalidade dos Bairros da Freguesia de Marvila que transformou a caracterização de base da população projetada.

A pressão migrante em Lisboa e a falta de condições de habitabilidade em diversos espaços da cidade levou à criação de vários bairros sociais, incluindo a Freguesia de Marvila, e consequentes realojamentos. Na Freguesia vivem Portugueses, Guineenses, Angolanos, Moçambicanos, Santomenses, Cabo-Verdianos, Indianos e famílias de etnia cigana, muitos deles já de 2.^a ou 3.^a geração. Devido à diversidade cultural, ética e racial e aos problemas que foram surgindo no espaço escolar o Agrupamento de Escolas D. Dinis herdou a tipologia TEIP3 (Território Educativo de Intervenção Prioritário, fase 3) do anterior Agrupamento de Escolas Damião de Góis.

Os alunos que frequentam a escola são na sua maioria residentes do bairro, tendo grande parte dos alunos carências sociais, onde é notório as dificuldades financeiras.⁷

⁷ <http://jf-marvila.pt/files/2012/83.pdf>- Consultado em:10-10-2015

3 - Caracterização da Turma:

A turma que me foi destinada para lecionar, é uma turma de segundo ciclo, 6º ano. Turma B, com horário de lecionação à terça feira, das oito horas e quinze minutos, às nove horas, no Bloco C, sala 15.

A caracterização da turma, foi realizada tendo como base numa ficha de caracterização do aluno, realizado em contexto sala de aula, com caracter sigiloso, os alunos foram preenchendo os vários itens, tendo em vista a realização da caracterização da turma. A caracterização foi trabalhada em função da recolha de informação. O apuramento dos resultados foi feito tendo como base, a escala de médias das respostas apresentadas.

A turma era composta por trinta alunos, apenas dezanove alunos estavam inscritos na disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica. Dos dezanove alunos inscritos, onze são raparigas e oito são rapazes. A média de idades é de 12 anos, registei que apenas três alunos ficaram retidos, apenas um deles com retenção repetida.

A média da composição do agregado familiar são de quatro pessoas incluindo o aluno, mas verifica-se que há agregados familiares com seis e mais pessoas, e maioritariamente constituídos por avós, tios, primos, verificando-se a ausência dos pais. Apenas dois alunos têm como constituição de agregado familiar, pai, mãe e irmão.

Relativamente ao nível de escolaridade é muito baixo, como média têm apenas o oitavo ano. Apenas há duas licenciaturas, são mulheres cuja constituição familiar é monoparental. O emprego é muito precário, a maior parte estão desempregados, há agregados familiares com um só elemento empregado, são as mulheres, como auxiliares de serviços. Alguns homens, fazem “pescates”⁸ categorias muito indiferenciadas.

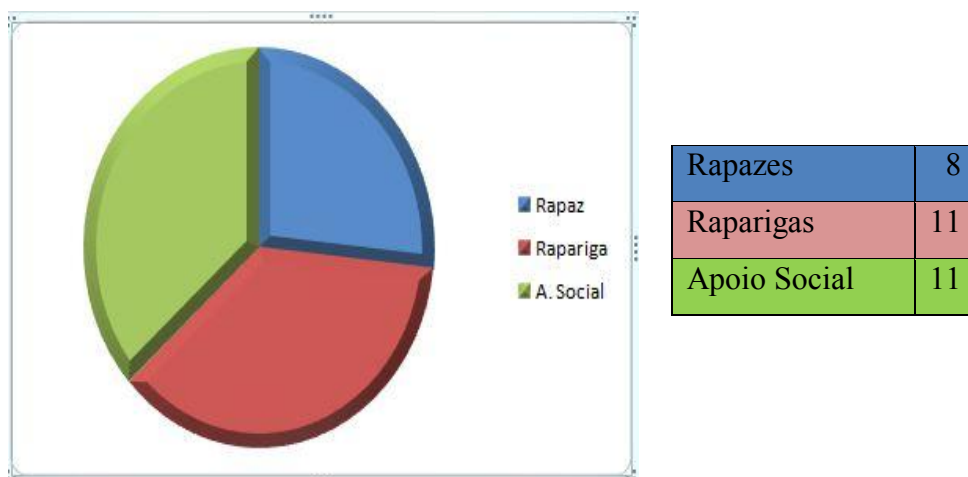
A maior parte dos alunos têm escalão A, de apoio social na escola. Segundo a descrição dos alunos, constatei que os avós reformados são os chefes de família de alguns dos agregados familiar. A maioria dos alunos inscreveu-se na disciplina, porque se dizem católicos praticantes, outros porque gostam de saber sobre a vida de Jesus. Todos disseram que gostavam da disciplina.

⁸ Expressão utilizada pelos alunos quando responderam ao questionário para a elaboração caracterização de turma.

A turma do 6ºB é composta por 30 alunos. Apenas 19 estão inscritos em EMRC

Dados dos alunos inscritos em EMRC: Género, Apoio social.

Ilustração- 3: Dados da turma 6º B



Fazendo uma reflexão sobre a caracterização desta turma de forma muito concreta, sabendo através da pesquisa que fiz na internet e do conhecimento transmitido pela Escola, constato que a turma se identifica com todo o historial sócio cultural e sócio económico do bairro onde residem.

Não podendo deixar de referir, que os alunos têm um bom comportamento em sala de aula, assim como se apresentam limpos e têm atitudes corretas. São alunos que demonstram interesse nas atividades propostas na sala de aula.

Verifico que têm um grande sentido de família e pertença. Observei isso na atividade que fiz de apresentação, onde também perguntei e sugeri que, se fizessem uma viagem onde gostariam de ir? Todas sabiam onde queriam ir, a maior parte gostava de levar os familiares, nomeadamente os avós, e gostavam de ir às terras de origem dos familiares. Achei isso muito importante em alunos nesta faixa etária.

Para uma melhor compreensão da caracterização da turma, não podemos deixar de os contextualizar no plano socioeconómico e cultural só assim podemos fazer uma melhor reflexão sobre os dados apresentados com as informações facultadas pelos alunos.

Apercebendo-me da característica tão peculiar da caracterização familiar e económica da turma e simultaneamente da característica do bairro onde se insere a comunidade educativa, achei pertinente fazer uma pesquisa, para uma melhor compreensão a nível comportamental dos alunos. Então, estes alunos fazem parte de um bairro social, com elevado número de toxicodependentes, territórios

estigmatizados, vividos por pessoas com problemas socioeconómicos notórios, assim como com comportamentos de risco manifestos.

«Relativamente a “país/e/ou famílias com história de toxicodependência e de comportamentos delinquentes”, “relações familiares com fracos vínculos afetivos”, “falta de acompanhamento e supervisão parental”, “estilo educativo marcado pela ausência de regras”, “fraca ligação à escola e baixas expectativas em relação ao seu projeto de vida” e “desocupação dos tempos livres; absentismo e/ou insucesso escolar».⁹

Segundo a informação recolhida na internet, a junta de freguesia de Marvila em conjunto com o projeto TEIP3 (Território Educativo de Intervenção Prioritário, fase 3) atua de forma pedagógica, pretendendo reduzir os malefícios no sentido de limitar os danos causados pelo consumo de SPA. Também procuram criar respostas adequadas e resultados visíveis no sentido de defesa dos direitos humanos. A finalidade é combater a estigmatização e discriminação e exclusão social, através de organizações locais que lutam pela construção de um mundo onde todos tenham condições e existência digna.

«Outros tempos e outras gentes que, tal como Manuel Martins, também sublinham a noite de Natal de 1984, em que foram dados os primeiros passos para a fundação do Centro Social São Maximiliano Kolbe, ou a forte devoção de ter participado na edificação da Igreja de São Maximiliano Kolbe [...]. O Centro Social São Maximiliano Kolbe tem sido essencial para o desenvolvimento do Bairro do Condado, mas também para a sua nítida evolução social. instituição, tem conseguido sublinhar o fator humano e lutado para que seja possível viver com mais dignidade[...] “São muitos os agregados familiares em situação de desemprego, e os idosos com reformas muito baixas, mas que mesmo assim, estão a ajudar as suas famílias. Estas situações de crise provocam conflitos familiares, e a falta de autonomia de muitos jovens obriga ao retorno às suas famílias, com os mais idosos a serem apanhados nesta nova realidade».¹⁰

As políticas sociais na Freguesia de Marvila fazem um acompanhamento no apoio à atividade das IPSS. Assim como outras instituições de apoio social da freguesia, promovem parcerias com a finalidade de desenvolver soluções para apoiar situações de carência social, efetuar o levantamento dos problemas e necessidades existentes, e dinamizar ações e iniciativas que permitam criar respostas

⁹ <http://sociologico.revues.org/910>. Consultado em: 10-10-2015.

¹⁰ <http://sociologico.revues.org/910>. Consultado em: 10-10-2015.

sociais que minimizem os problemas da freguesia, visando a sua solução ao apoio das situações de carência social.

Conforme a minha pesquisa, pretendo salientar o esforço de acompanhamento destes projetos, onde os alunos da nossa escola também são contemplados nesta proposta pela Junta de Freguesia. Para colmatar todas estas situações descritas “**O Projeto Mais**” dinamizado pela Junta de Freguesia de Marvila, tem prevista uma duração de três anos «contemplando três Eixos de Intervenção Prioritária: Crianças e Jovens em Risco; Empreendedorismo e Empregabilidade; Desenvolvimento e capacitação comunitários. Tendo como objetivo geral, contribuir para o combate à exclusão e pobreza nesta zona da freguesia, o Projeto Mais tem os seguintes objetivos:

Ilustração - 4: Logotipo e imagem do grupo do «Projeto Mais»



«**O Projeto Intervir** tem Marvila da Junta de Freguesia de Marvila tem como objetivo a prevenção de comportamentos de risco e/ou a promoção de hábitos de vida saudáveis. Este projeto intervém junto de crianças e jovens nas escolas da freguesia, nomeadamente, na E.B. 1 Dr. João dos Santos, na E.B. 1 N.º 195, na E.B. 1 do Bairro do Armador, na E.B. 1 do Bairro do Condado, na E.B. 1 do Bairro dos Lóios, E.B. 1 Manuel Teixeira Gomes, E.B. 2+3 de Marvila, **na E.B. 2+3 Damião de Góis** e E.B. 1 Luísa Neto Jorge. O projeto trabalha com os jovens da freguesia através da ocupação de tempos livres e atividades de promoção de competências pessoais e sociais no Espaço Jovem do Intervir».¹¹

Ilustração - 5: Logotipo do «Projeto Intervir» e do Brasão da Junta Freguesia de Marvila



¹¹ <http://jf-marvila.pt/index.php/pi> Consultado em: 10-10-2015

Após a descrição, resultante de uma pesquisa na internet, com a finalidade de entender a caracterização da turma, também para me ajudar nas estratégias a desenvolver, para uma melhor aprendizagem dos alunos no meu percurso profissionalizante. Apoiada no manual de Richard Arends, contextualizei e refleti sobre a caracterização da escola e da turma onde se desenvolve a minha Prática Ensino Supervisionada.

Para o sucesso da aprendizagem dos alunos é importante que o professor tenha conhecimento científico, conhecimento pedagógico, conhecimento do currículo, domínio das matérias, mas é sobretudo importante que se conheça as características dos alunos assim como o meio envolvente destes.

Sendo que a diversidade a nível cultural e étnica, apresenta desafios aos professores, pois as desigualdades éticas e raciais e as questões de intolerância que existem na sociedade, se refletem nas escolas e nas salas de aula é importante que o professor conheça as características dos alunos de forma a encontrar o melhor método de ensino.

O mais importante na vida do aluno, é saber como aprender. Logo os professores devem de ser capazes de produzir resultados, sobretudo a nível da realização escolar e da aprendizagem social dos alunos. Todas as crianças devem de frequentar a escola. Sejam de origem e culturas diferentes, de talentos e necessidades distintos, de classes sociais e saberes variados, de capacidades e dificuldades diferentes. As escolas pertencem a todas as crianças, e todas devem ver o seu potencial de aprendizagem maximizado. A diversidade dentro das escolas e dentro da sala de aula deixou de ser uma questão política, valores ou de referências pessoais.

Contextualizando a situação da nossa escola em concreto, consideramos que se enquadra perfeitamente na descrição feita nos capítulos um e dois, sob a perspetiva de Arends.¹²

¹² Cf. ARENDS, Richard, *Capítulos I-II*, Onde o autor faz referência aos elementos mais importantes para uma melhor caracterização de turma.

4 - Elaboração e reflexão da unidade letiva lecionada:

A presente reflexão tem como objetivo apresentar todo o processo desenvolvido neste, segundo ano do Mestrado em Ensino da disciplina de EMRC. Este relatório visa fundamentar as decisões, reflexões e estratégias que foram adotadas para um melhor desempenho enquanto docente professora estagiária. Um estágio pedagógico tem como propósito a integração do aluno estagiário em formação no contexto escolar e na atividade de docência.

Para que isso ocorra é imprescindível que uma escola cooperante, quer seja uma escola básica ou secundária acolha o grupo de estágio, formado por pelo menos dois alunos estagiários, atribua-lhes um Professor orientador. Este tem a missão de supervisionar e acompanhar a prática pedagógica, dos estagiários que passam a lecionar a disciplina numa das suas turmas durante o presente ano letivo.

O portefólio, contém os relatórios de aula, onde se explicita toda uma reflexão relacionada com a prática de ensino supervisionada em contexto escolar. Relatando todas as atividades e acontecimentos de forma a que possamos ver todo o nosso desempenho e evolução enquanto professoras estagiárias. Também fica evidenciado as interações entre professores e alunos, assim como devem aprofundar-se no campo da ação pedagógico e essa pretensão foi tida em conta. O professor assume um papel muito importante neste processo, pois constrói e conduz o fazer pedagógico de maneira que atenda as necessidades dos alunos.

No desempenho docente acredita-se que deve prevalecer uma relação mais humanística, onde a relação professor aluno seja a base para o um melhor aproveitamento em sala de aula. Esta interação professor aluno ultrapassa na maior parte das vezes os limites profissionais e escolares, é uma relação que envolve sentimentos e deixa marcas para toda a vida. Observa-se que essa relação, deve sempre procurar a afetividade e a comunicação entre ambos, como suporte e forma de construção do conhecimento e do aspeto emocional do aluno.

Tendo esta unidade letiva, o objetivo de contribuir para que o aluno adquira um melhor conhecimento e compreensão que vive em relação com os outros, é reconhecer que deve promover a partilha e solidariedade para fortalecer e restaurar a dignidade humana, como o bem mais precioso que o homem possui. Desenvolver hábitos de partilha e de solidariedade, pois são expressão do amor de Deus por cada ser humano.

«[...]A história da humanidade não é movido por um determinismo impessoal, mas por uma constelação de sujeitos de cujos atos livres depende a ordem social. As instituições não garantem por

si, como que mecanicamente, o bem de todos: ”a prévia renovação do espírito cristão”, deve preceder o empenho de melhorar a sociedade, segundo o espírito da Igreja, fazendo florescer a justiça e a caridade sociais.1157»¹³

Os conteúdos lecionados nesta Unidade Letiva, leva-nos a repensar sobre os direitos e deveres, assim como nas instituições e organizações que lutam e defende para que todos tenham condições dignas, trabalhando a dinâmica de partilha e solidariedade de forma a contribuir para o bem comum. A Unidade Letiva-3, está direcionada para a partilha do pão, ou seja a partilha de “si” ao “outro”. O conceito de alimentação, vai para além de um simples gesto de ingerir alimentos. O aluno tem que perceber que pode ser “pão para os outros”, pretende-se que o aluno faça uma leitura de uma sociedade que deve desenvolver-se de uma forma integral e solidária, de forma a que haja uma maior justiça social, com um desenvolvimento mais equitativo, para que toda a pessoa se sinta dignificada, perceber como o elemento fulcral da mensagem cristã é caracter pessoal da relação com Deus e com cada ser humano.

«Uma das tarefas fundamentais dos atores da economia internacional é a obtenção de um desenvolvimento integral e solidário para a humanidade, isto é, “promover todos os homens e o homem todo”⁷⁶⁴ [...]».¹⁴

A disciplina de EMRC, tem como finalidade pedagógica ser também um desafio lançado, aos principais agentes da comunidade educativa da Escola, compromete-nos a todos na concretização das suas finalidades e objetivos, comunga um elenco de valores e propostas para o desenvolvimento na formação pessoal e social, para um melhor reconhecimento da sua identidade. Tem objetivos inspiradores e orientadores para atitudes congruentes e comprometidas com a dignidade do homem. Enquadra-se nos princípios universais promovendo estilo e comportamentos de vida equilibrada para uma melhor adaptação social. Conforme Sergio Bastianel,¹⁵ a humanidade hoje em dia vive uma nova face, devido às rápidas transformações culturais e económicas. Os desejos individuais e coletivos em relação às coisas e às pessoas, tomou um rumo de desequilíbrio social. O homem na sua vertente social tem uma relação de interação e dependência com o outro. Por esse motivo, o "eu"

¹³PIO XI, *Carta Encíclica, Quadragésimo Anno*, nº552

¹⁴ PAULO VI, *Carta Encíclica, Populorum, Progressio*, nº373

¹⁵ Cf. BASTIANEL, Sergio, *Moralidade Pessoal na História, Temas de ética social*, Ed. Cáritas Portuguesa, Várzea da Rainha, 2008.

na sua forma individual só pode existir através de um contato com o "outro", encontrar um sentido novo para as grandes opções da vida.

A partilha dos bens é pôr em comum o que há para ajudar os mais carenciados. Isto implica que um indivíduo seja capaz de se colocar no lugar do outro, numa relação baseada na solidariedade e de promoção para a igualdade, amenizando as diferenças existentes. Estes temas foram muito importantes e de grande interesse pedagógico. No Evangelho e na vida concreta, pessoal e social do homem, a partilha a solidariedade tem como finalidade bem comum, que empenha todos os membros da sociedade.

O estudo desta Unidade Letiva-3 do sexto ano de escolaridade, tem abordagens curriculares e pedagógicas, que visam a partilha, a solidariedade e o voluntariado. Desafiou-me a abordar, como a sociedade e as instituições têm um papel ativo e importante na distribuição dos bens, tornando uma sociedade mais justa, uma preocupação constante com o ato de partilhar, com vista a um desenvolvimento de uma sociedade onde o homem tenha uma vida mais digna.

O problema, interpela a consciência pessoal e com ela a veracidade da nossa fé cristã. Os valores implicados na relação entre o homem e os bens da terra, faz-nos interrogar sobre o significado das causas da fome. Para os crentes o exercício da livre decisão pessoal implica que a responsabilidade pelo outro seja conscientemente aceite no seio da sua relação com Deus. que diz respeito à comunidade dos homens, situações e problemas referentes à justiça, à liberdade, ao desenvolvimento, às relações entre os povos, e à paz, nada é alheio à evangelização. São princípios que se referem à realidade social. Estes são os eixos fundamentais da Doutrina Social da Igreja.

Este foi o apelo constante feito durante as aulas lecionadas e exploradas pelos alunos em sala de aula. Tive sempre a preocupação de suscitar uma reflexão /compreensão à responsabilidade de todos pelo bem comum, contextualizada na época atual, com o respeito e na promoção integral da pessoa e dos seus direitos fundamentais. Ao empenho da paz, organizações e serviços essenciais de apoio às pessoas aos direitos do homem: alimentação, habitação, trabalho educação e acesso à cultura, saúde e tutela da liberdade religiosa.

Analisar e avaliar a importância do voluntariado, perceber a política comercial, a responsabilidade dos países mais desenvolvidos, perante os mais necessitados com falta de recursos naturais e tecnológicos. Penso que organizei bem os planos de aula e a sua dinamização, de forma a que todos os conceitos fossem trabalhados, compreendidos e debatidos em sala de aula.

«A esta dinâmica de caridade recebida e dada, propõe-se dar resposta a doutrina social da Igreja. Tal doutrina é « caritas in veritate in resociali », ou seja, proclamação da verdade do amor de Cristo na sociedade; é serviço da caridade, mas na verdade. Esta preserva e exprime a força libertadora da caridade nas vicissitudes sempre novas da história. É ao mesmo tempo verdade da fé e da razão, na distinção e, conjuntamente, sinergia destes dois âmbitos cognitivos. O desenvolvimento, o bem-estar social, uma solução adequada dos graves problemas socioeconómicos que afligem a humanidade precisam desta verdade. Mais ainda, necessitam que tal verdade seja amada e testemunhada. Sem verdade, sem confiança e amor pelo que é verdadeiro, não há consciência e responsabilidade social, e a actividade social acaba à mercê de interesses privados e lógicas de poder, com efeitos desagregadores na sociedade, sobretudo numa sociedade em vias de globalização que atravessa momentos difíceis como os actuais.»¹⁶

Esta unidade letiva, tem um grande contributo para a consciencialização dos alunos sobre o conceito de partilha e de solidariedade. Falar de bens alimentares, é um assunto que faz parte do dia a dia de todos nós, portanto é do conhecimento comum, a importância dos alimentos na nossa vida, pela necessidade de sobrevivência, assim como pela pertinência que tem a nível social e cultural. Os alunos têm consciência que os bens alimentares estão mal distribuídos sentem isso como uma realidade presente no seu quotidiano. Conhecem bem as instituições de ajuda alimentar, nomeadamente o banco alimentar e as ajudas que a Igreja lhes faculta.

Esta unidade letiva, desperta para a partilha, exige ações concretas, no sentido que todos devemos ser "Pão para os outros". Jesus ensina como repartir, isto é, como as pessoas precisam ser umas com as outras. A abundância de alimento é graça de Deus, mas é igualmente empenho de cada pessoa e de todas juntas.

¹⁶ BENTO XVI, *Carta Encíclica, Caritas, in Veritate* nº 5.

5. Reflexão sobre a e experiência letiva em contexto de sala de aula:

Esta minha reflexão é explanada no “tempo” e “com tempo”. Pelo facto de ter iniciado a minha profissão como professora desde o ano letivo 1976 / 77. Julgo que poderei fazer uma avaliação mais justa, mais real do meu percurso como professora, percurso profissional acompanhado com o meu crescimento pessoal, com a minha maturidade, com o meu olhar para vida de formas diferentes.

Iniciei noutro grupo disciplinar. Na escola onde lecionava, fizeram-me o convite para lecionar a disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica, fiquei surpreendida e até com dúvidas se estaria capacitada para lecionar a disciplina. Foi uma experiência muito gratificante, mas senti que me faltavam bases estruturantes para poder desempenhar a função com a dignidade que a EMRC, merece.

Então decidi fazer a Licenciatura em Ciências Religiosas, e o Mestrado que me confere a profissionalização. Não foi fácil, começar um percurso académico com cinquenta anos de idade, além da exigência académica, vem como acréscimo o esforço pessoal e financeiro. Mas nesta fase que me encontro, e que vejo todo o meu esforço compensado, fico feliz pela escolha que fiz. Lecionar esta disciplina, é mais que uma profissão, é com sentido de missão, senti-me escolhida. Ser professor de EMRC, é estar ao serviço que a Igreja lhe confia.

«[...]Uma vez que a missão evangelizadora em meio escolar adquire um carácter de presença continuada, nela se encontra amplamente exposta toda a pessoa do evangelizador. Isso torna inevitavelmente comprovada a coerência das atitudes por eles reveladas com o conteúdo dos princípios e da mensagem que apregoa. É pois, de realçar o cuidado que deverá colocar o professor de Educação Moral e Religiosa Católica no modo como interage nas relações interpessoais, assim como nas atitudes que revela perante o trabalho que lhes é confiado, uma vez que eventuais contradições entre o que afirma e o que pratica descredibilizam e retiram eficácia à mensagem que pretende transmitir.»¹⁷

Hoje “neste tempo”, com o “meu tempo”, vejo as coisa de outra forma, por todas as aprendizagens que a vida nos dá, com a ajuda do percurso académico que escolhi, pela formação profissional que

¹⁷ PEDRINHO, Dimas, *A missão evangelizadora em contexto escolar, desafios atuais no professor de EMRC, in Pastoral Catequética, Revista de Catequese e Educação*, Nº23(2012),P.139.

adquiri, pelas pessoas que conheci e se cruzaram na minha vida, por tudo, por tudo o que Deus me proporcionou e que me vão ajudando a crescer como pessoa e como profissional.

A reflexão que faço da experiência letiva em contexto de sala de aula, no estágio profissional, foi feito em consciência do contexto social onde a escola está inserida, num bairro multicultural, racial e étnico fortemente acentuado, conforme descrição feita na minha caracterização de turma, um bairro com grandes carências económicas. As carências económicas devem-se sobretudo, ao facto da maior parte da população ter um grau elevado de iliteracia escolar, que se reflete no trabalho precário e indiferenciado. Após ter tomado conhecimento e consciência com o público alvo com quem iria trabalhar, tive uma maior preocupação na forma como se iriam planificar as minhas aulas. Apliquei todos os conhecimentos científicos apreendidos durante a minha formação e nas leituras que me foram recomendadas. Também tive a preocupação de tornar as minhas aulas culturalmente interessantes no aspeto multicultural. As unidades letivas lecionadas visaram sempre o respeito e a valorização na diversidade, aceitar o “outro”.

Os materiais que planei foram sempre no sentido de realçar os conceitos e os temas, na perspetiva do programa sem alterar a sua estrutura. Elaborei PPT,^s introduzi documentários de Slidshare, diversifiquei as estratégias em sala de aula sempre com a preocupação de enriquecer o conhecimento dos alunos, na forma como iriam conceptualizar e sistematizar as matérias, sempre para um melhor interesse dos alunos e para uma melhoria nas práticas letivas. Da minha experiência e desempenho em sala de aula, fi-la sempre com a melhor intensão e preocupação para que alcançassem o objetivo pretendido, chegar da melhor forma aos alunos, despertar-lhes o interesse pela matéria lecionada e pela disciplina, transmitindo-lhes o conhecimento de forma adequada à faixa etária, utilizando uma linguagem percetível e acessível, utilizei sempre estratégias que os ajudasse na melhor compreensão e aquisição dos saberes, diversifiquei as estratégias para que as aulas tivessem uma dinâmica interessante. Com o decorrer do tempo, comecei a conhecer os alunos, o que mais lhes desperta o interesse, a forma como reagem às estratégias que se fui introduzindo, sempre com o intuito de melhorar as práticas letivas. Esta última Unidade Letiva-3, foi também a minha última unidade a lecionar. Senti-me particularmente muito mais à-vontade, pois já tinha um conhecimento da turma e dos alunos que não tinha no início do ano letivo, toda minha postura em sala de aula foi diferente teve um carácter mais acentuado em termos afetivos na relação com os alunos. Em termos individuais a criança também altera a sua conduta em termos intelectuais e afetivos. Ela constrói a sua própria lógica, com base no sistema de relações, e consequente coordenação de ideias, e das opiniões dos outros, assim como as que adquire das suas perceções e intuições, conforme refere

Skinner¹⁸ nos seus estudos relativamente à função do ambiente, em que o este último é o fundamento de formação e manutenção de qualquer tipo de comportamento.

Tive sempre a preocupação que os meus planos e estratégias nas dinâmicas em sala de aula , fossem ao encontro de uma melhor reflexão /compreensão à responsabilidade de todos para uma melhor distribuição dos bens, contextualizada na época atual. Analisando e avaliando a importância do voluntariado, perceber a política comercial, a responsabilidade dos países mais desenvolvidos, perante os mais necessitados com falta de recursos naturais e tecnológicos.

Apliquei sempre o exercício de ver os problemas de forma a pormo-nos no lugar do “outro” , pois suscita uma avaliação mais real das situações concretas de cada um. Relativamente à responsabilização e tomadas de decisão de alguns organismos, também apliquei o exercício de tomadas de decisão” **se fosse eu que mandasse**”, é evidente que temos que avaliar a faixa etária e o ponto de vista de crianças com média de idade de doze anos, mas, de certa forma além de lhes incutir uma maior reflexão sobre os assuntos, também me deparei com respostas muito assertivas e não muito distantes de um consenso muito pertinente.

Tentei despertar aos alunos, o dever de cidadania, a razão de ser da autoridade política, de forma a que o bem comum possa ser conseguido com a contribuição de todos os cidadãos, todos os homens nascem e permanecem livres e iguais em direitos, que todos somos responsáveis pela defesa dos direitos do homem afirmando os princípios de igualdade e liberdade individual. Consagra-se o princípio de que todo homem é sujeito de direitos e obrigações. Através dos estudos humanistas e seu aperfeiçoamento, chegou-se ao que hoje chamamos de Direitos Humanos, que nada mais visa do que a busca do bem comum, referendado pela proteção da dignidade da pessoa humana.

Planeei todas as minhas aulas prevista para esta unidade letiva, elaborei e apliquei fichas de trabalho de apoio às aulas, assim como as fichas de avaliação final, servem estas, para aferir o conhecimento apreendido pelos alunos. Todas estas estratégias visaram no sentido de despertar-lhes, o sentido de partilha e caridade, não só do pão partilhado, mas desenvolver na consciência dos alunos que o sentido do pão partilhado confere também a partilha de cada um de “nós” ao “outro”.

«A partilha efetiva dos meios necessários para viver é expressão da real vontade de repartir a vida[...]Devido a esta partilha da vida, o pão pode ser verdadeiramente partilhado e tornar-se causa de vida».¹⁹

¹⁸Cf. SKINNER, A. B. F; LOPES A. O, *Repensando a Didática*, Papirus, Campinas, 2008, P.24.

Penso que explorei bem os conteúdos, criando sempre um bom ambiente de aprendizagem, não descurando os processos científicos e pedagógicos. Tentei responsabilizar os alunos acerca dos problemas sociais e interpessoais. Trabalhamos os direitos humanos, alertei para os deveres enquanto cidadãos, abordei e salientei que o Cristianismo professa a igualdade entre os homens, determinando a criação de uma comunidade espiritual entre os povos, o dever de ajuda e respeito mútuo, bem como o reconhecimento de que todo homem é um Ser em relação, o que pressupõe toda a nossa forma de nos relacionarmos em todos os âmbitos da nossa vida.

Os alunos revelaram uma boa compreensão das matéria lecionadas, participaram ativamente nas tarefas que lhes foram propostas, as síntese que elaboraram na final das aulas, revelaram sempre uma boa compreensão dos assuntos tratados em sala de aula. Participaram bem na atividades nas reflexões feitas sobre os conteúdos lecionados, demonstraram-se muito assertivas, assim como nas fichas de avaliação, os níveis atribuídos foram muito positivos, o que de certa forma traduz o nível da aquisição dos conhecimentos apreendidos.

A avaliação formativa é uma constante nas aulas, ela acaba por ser transversal a todas as avaliações dado que quando se aplicam as avaliações diagnósticas e sumativas não se deixa de avaliar o empenho, concentração e participação na realização das atividades assim como a assiduidade, pontualidade, respeito pelas regras, aplicação dos conhecimentos, criatividade entre outras. Todos os materiais pedagógicos elaborados para a leção das unidades letivas, estão em suporte informático, no CD que se encontra na contra capa deste documento.²⁰

Penso que fiz uma boa avaliação e gestão nos conteúdos que selecionei. Também tive a preocupação de tornar as minhas aulas culturalmente interessantes no aspeto multicultural, devido às características da turma. As atividades lúdicas desenvolvidas em sala de aula, o meu contributo e cunho pessoal, a minha maturidade e experiência de vida acrescentaram uma mais valia a toda esta minha experiência como professora e aluna estagiária.

Para complementar a continuidade ao trabalho realizado como professora estagiária percebi que as disciplinas curriculares no meu processo de aprendizagem revelaram-se de extrema importância acerca da prática da docência, pois ser professor é ser atuante, crítico, investigador e pesquisador, características essas que desenvolvi no decorrer deste estágio profissionalizante.

¹⁹ BASTIANEL, Sergio, *Moralidade Pessoal na História*, P.141.

²⁰ Cf. CD do Portefólio Relatório de Estágio.

Neste contexto pretendo deixar uma proposta/ projeto. Sobre a criação de um clube de atividades, no âmbito da Disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica, a implementar nesta escola, com o objetivo de dinamizar e promover a partilha e um melhor contributo ao cuidar do outro. Reconhecendo o valor da solidariedade.

Concluindo esta minha reflexão, penso que foi muito positiva na forma como me relacionei com os alunos em sala de aula.

Na minha condição de professora estagiária aceitei sempre de bom agrado todas as sugestões que o professor cooperante Dr. José António Oliveira me ia propondo, de forma a poder desenvolver as minhas competências com a maior seriedade como costumo pautar a minha forma de estar e ser. Também pretendo deixar um obrigado à direção, ao pessoal Docente e funcionários da escola onde decorreu a Prática de Ensino Supervisionada.

II-Capítulo

«A Partilha do Pão»

1-A Partilha:

«A palavra partilha tem inúmeros significados. Pode querer dizer pôr em comum, comunicar, repartir, mas é sempre reveladora de um toque de ternura, de atenção ao outro, de sensibilidade para os problemas, as alegrias ou as esperanças, que fazem parte do nosso viver comum [...] Talvez Jesus se tivesse apercebido da importância da partilha. É por isso que no Evangelho há inúmeras páginas que falam de partilha. O discurso das Bem-Aventuras é uma parábola de partilha. Ter um coração de pobre, um coração que perdoa, um coração sincero permite a partilha de bens preciosos como o perdão, o acolhimento, a construção da paz.»²¹

Sendo um tema de referência da unidade letiva a desenvolver, entendeu-se iniciar este trabalho com a preocupação emergente de uma cosmovisão relacional, porquê esta designação, sendo o ser humano um Ser em relação, lembramo-nos imediatamente das relações humanas que tanto têm vindo a ser descuradas, em prol de outros interesses pessoais, que nos dão uma satisfação mais imediata, por vezes ilusória, mas que vão preenchendo no nosso dia a dia.

Partilhar com o “outro” é um ato concreto de relação. A relação vai para além da troca de bens, é olhar para o “outro” como pessoa dando-lhe toda a dignidade, respeito e acolhimento. Ser solidário implica também coresponsabilidade, envolve respeito à diversidade, fomentando a comunhão e a confiança. Os Ideais de justiça social, os anseios para uma melhor e mais justa repartição de bens, quando me refiro a bens, não são só os alimentares, são todos aqueles dignificam o homem, que lhe fazem pensar de como é bom existir.

«A relação trata-se de acolher uma pessoa, respondendo à sua concreta condição de necessidade[...]Esse gesto só é moralmente bom quando exprime o acolhimento da pessoa com a premissa de querer efectuar uma relação pessoal de acolhimento, o gesto que corresponde positivamente a uma necessidade real[...]A intencionalidade do gesto unifica a atenção da pessoa nas suas condições e a busca/realização do bem concretamente possível.»²²

²¹ <http://www.igrejacampogrande.pt/cg/?p=2170> Consultado em: 05-05-2016

²² BASTIANEL, Sergio, *Moralidade Pessoal na História*, P.131.

Nesta sociedade atual tão individualista e totalitária, a grande preocupação com a posição social que se pretende adquirir e manter, deixa pouco espaço para pensar no “outro” entramos no espaço da indiferença, deixando para trás o paradigma da dádiva e da partilha.

A modernidade o desenvolvimento tecnológico revolucionou e organizou a sociedade com novas configurações nas relações sociais. É um processo que se vai instalando devido á ação dos indivíduos. Estas ações fomentam desigualdades nos diferentes estilos de vida e das relações sociais entre os homens.

A falta de oportunidades, marcam e definem nas vidas humanas, a desigualdade social gera a pobreza. A Política económica também contribui para essa desigualdade, há países pouco desenvolvidos que estão à mercê dos grandes grupos económicos que ditam as regras. São os que estão em melhor posição económica e social, os que não passam fome, que “gerem” a fome dos “outros”.

Os problemas ecológicos também surgem devido aos interesses económicos das nações, que veem na exploração descontrolada dos recursos naturais uma oportunidade de enriquecimento A especulação dos preços dos alimentos e as prioridades económicas, levam a situações desastrosas, onde milhões de pessoas passam necessidades nomeadamente fome. A fome é um dos maiores flagelos da humanidade. O direito à alimentação é um direito de todos os seres humanos. O corpo humano necessita de uma alimentação equilibrada. Existem em todo o mundo milhares de pessoas que passam fome, as carências alimentares são maioritariamente as causa de morte de muitas pessoas.

« Em face à fome no mundo. A realidade da fome no nosso mundo é um dos problemas que fazem sentir violentamente a força negativa do mal presente, como de um mal maior do que nós e frente ao qual as nossas forças parecem não estar à altura. Apesar da evidencia das necessidades, apesar do amplo acordo em afirmar entre os direitos humanos fundamentadas[...]»²³

Devido a certos desajustes na sociedade a nível universal, a questão dos direitos humanos busca uma maior valorização da existência humana no meio social, buscando garantir-lhe os mínimos direitos humanos fundamentais, das relações interpessoais estabelecidas na vida em sociedade.

Um dos artigos, expresso na Declaração Universal dos Direitos Humanos, no artigo 25º;

²³ *Ibidem*, P.135.

« reconhece o direito de todos a um nível de vida que assegure o acesso aos bens alimentares essenciais. Toda a pessoa tem direito a um nível de vida suficiente que lhe assegure e à sua família a saúde e bem estar, principalmente quanto à alimentação, ao vestuário, ao alojamento, à assistência médica e ainda aos serviços sociais necessários»²⁴

A Declaração Universal dos Direitos humanos, surge com o intuito de defender a dignidade da pessoa humana no âmbito social. Como já referi o Ser humano é um Ser em relação, estabelece relações sociais em todos os âmbitos. Os direitos fundamentais visam destacar o bem coletivo, influenciando nas formas de relacionamento, evidenciando os valores que deveriam ser praticados por todos os povos, são eles:

- Paz e solidariedade universal; igualdade e fraternidade; liberdade; dignidade da pessoa humana; proteção legal dos direitos; justiça; democracia; dignificação do trabalho.

A evolução positiva na trajetória histórica dos direitos humanos e da noção de direitos do homem, tem tradição nos valores e matriz cristã. Situa-nos numa nova concepção do humano, pautada na dignidade inerente e inalienável de toda criação que é divina. É precisamente na tradição do cristianismo que nos deparamos com princípios elementares tais como a ética do amor e da compaixão, se compreendermos a vida como um dom de uma realidade sagrada. Para falar de uma forma mais ampla sobre os Direitos Humanos há muito que evoluir no que diz de respeito ao próximo.

Na sua passagem pelo mundo, Jesus Cristo disse: *“Amai-vos uns aos outros como Eu Vos amei”*. Se, se praticasse pelo menos este princípio básico de convivência social, poder-se-ia chegar à plenitude da dignidade humana, sem ter que recorrer às dezenas de legislações que se distanciam da realidade dos acontecimentos.

«O mandamento de amar os outros é absolutamente universal e não admite qualquer excepção. Todo o cristão deverá fundamentalmente e radicalmente, ser inteira abertura e dom sem reservas, na medida em que se diz discípulo de cristo e se pretende o rosto actual de cristo no mundo[...]o mundo sofre de uma doença provocada precisamente pelo clã dos que estão bem[...] os povos ricos fizeram duas coisas para mais coincidir com o pecado do mundo distanciaram-se em relação ao estado do mundo e vão diferenciando-se cada vez mais dos outros. Trate-se ou não de um caso fatal, este duplo

²⁴ Cf. Excerto do artigo 25º da DUDH.

processo, com suas dimensões técnicas, industriais, sociais e políticas, foi a fonte do seu poderio e torna-se causa do seu tormento[...] eles julgam-se tudo e tomam-se pelo todo»²⁵

A Universalidade visa todos os seres humanos, tendo em conta uma ação voltada para a maioria da população, para que se busque o bem estar de todos. A partilha fomenta o bem Comum que direta ou indireta é uma ideia universal do bem. É pela realização do bem, através das suas ações concretas que se realiza as relações interpessoais. O bem comum é um dos pontos fulcrais da ética social, dando origem a uma melhor estrutura social, tendo como finalidade uma melhor qualidade da vida humana. São as sociedades que devem regular os direitos e deveres, para que todas as pessoas tenham voz e vez. para que a racionalidade presida na busca aferida da ética moral e da deontologia profissional. A participação na promoção do bem comum, devem definir os modelos políticos da organização do estado.

«O bem comum e a finalidade do viver: A realidade da relação interpessoal, interpretada eticamente, é fulcral também para compreender as relações sociais complexas, estruturadas.[...]Poderemos indicar um conceito de bem comum que qualifique eticamente o viver social e que seja, portanto, instância crítica positiva para interpretar os vários critérios e níveis de bem comum nas diversas formas de vida social associada?»²⁶

O bem comum é também o próprio bem de cada individuo, enquanto este é parte de um todo ou seja da comunidade, a comunidade é o bem dos indivíduos que compõe a comunidade.

«Da dignidade, unidade e igualdade de todas as pessoas deriva, antes de tudo, o princípio do bem comum, com o qual se deve relacionar cada aspeto da vida social para encontrar pleno sentido. Segundo uma primeira e vasta aceção, por bem comum entende-se: “o conjunto das condições da vida social que permitem, tanto grupos como cada membro, alcançar mais plena e facilmente a própria perfeição”³⁴⁶. O bem comum não consiste na simples soma dos bens particulares de cada sujeito do corpo social. Sendo de todos e de cada um, é e permanece comum, porque é indivisível e porque somente juntos é possível alcançá-lo, aumentá-lo e conservá-lo, também em vista do futuro. Assim como o agir moral do individuo se realiza fazendo o bem, assim o agir social alcança a plenitude realizando o bem comum. O bem comum pode ser entendido como dimensão social e comunitária do bem moral»²⁷

²⁵ BIROU, Alan, *Luta Política e Fé em Cristo*, Editorial Perpétuo Socorro, Coleção Nova Cidade, Porto, 1946, P.208.

²⁶ BASTIANEL, Sergio, *Moralidade Pessoal na História*, P.203.

²⁷ CONCILIO VATICANO II, GS, n°26, CIC.

A alma do bem comum é a partilha e a solidariedade. Ser solidário faz parte da essência da natureza humana. A solidariedade e a caridade visa também uma melhor e mais justa distribuição dos bens assim como melhorar as condições de todos e garantir a liberdade de cada um poder servir a comunidade.

O homem fazendo o bem, humaniza-se. A felicidade resulta do esforço da ação humana, da atuação de acordo com o sentido orientador das situações concretas da vida de cada um.

A importância pelo bem comum, tem como efeito salvar a pessoa e de restaurar a sociedade humana. 3«[...]Por isso, o homem será o fulcro de toda a nossa exposição: o homem na sua unidade e integridade: corpo e alma, coração e consciência, inteligência e vontade[...]»²⁸

Relativamente à realidade da fome no mundo, Sergio Bastianel, diz-nos que um dos problemas que se faz sentir violentamente, que é uma força negativa do mal tão presente na nossa sociedade e a nível mundial. Apesar de todas as ajudas, o amplo acordo entre os direitos humanos, e também com ajuda de várias entidades, parece que é difícil encontrar a solução para este problema.

Quando se fala dos problemas de fome no mundo, não estamos a falar daquela vontade de comer às refeições. Relaciona-se mesmo com a impossibilidade de ter acesso aos alimentos, pois está relacionado com os fatores económicos vinculados diretamente aos países que se vêm privados dos adquirir, devido a situações específicas, sejam elas do foro económico, guerras, etc.

O consenso sobre a resolução da fome no mundo, passa pelo “querer” de um comprometimento visando o combate às desigualdades e à miséria que atingem uma grande parte das pessoas. Cf. Bastianel, refere que «a “terra” tornou-se “hostil”, ou seja, a humanidade que nela se realiza está marcada por relações habituais e constantes de hostilidade».²⁹

«Há obstáculos de mentalidade e culturas, de políticas económicas, de grandes interesses envolvidos. Parece persistir uma comum inclinação para não querer reconhecer que realidades como a fome no mundo podem arvorar uma instância ética radical também com a pergunta acerca da validade (humana) das nossas estruturas e formas de vida».³⁰

²⁸ CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *A Igreja no Mundo actual*, nº3, P.346.

²⁹ BASTIANEL, Sergio, *Moralidade Pessoal na História*, P.137.

³⁰ *Ibidem*, P.136.

2. Alimentos como simbologia do Dom:

Ao refletir sob uma teologia cristã, relativamente aos bens da terra, para nós cristãos aceitamos que os alimentos que estão á disposição dos seres vivos, são uma dádiva de Deus. Logo como principio básico, todas as pessoas têm direito aos meios necessários para a sua sobrevivência.

«O princípio do destino universal dos bens da Terra esta na base do direito universal ao uso dos bens. Todo o homem deve ter possibilidade de usufruir do bem estar necessário para o seu pleno desenvolvimento: O princípio do uso comum dos bens é o primeiro princípio de toda a ordem ético-social[...] Trata-se antes de mais, de um direito natural, inscrito na natureza do homem.363[...]».³¹

Sabemos porém que na cultura hebraica, além de se aceitar os alimentos como dádiva de Deus têm a particularidade que o uso do seu consumo é regulado por normas de caracter religioso. Os fariseus do tempo de Jesus respeitavam esse conjunto de regras que orientavam as refeições. As questões ligadas à comida ocupavam grande parte dos normativos legais. Por outro lado os essênios seguiam um verdadeiro ritual durante as refeições, nos relatos bíblicos a referência e a simbologia dos alimentos fazem alusão a características muito interessante, são várias, por exemplo:

Pão Ázimo, também chamado de "**matzá**", o pão ázimo é um pão assado sem fermento que segundo a tradição judaica-cristã foi feito pelos israelitas antes da fuga do Antigo Egito. Na Páscoa Judaica (Pessach) é tradicional comer o pão ázimo, visto que comer fermentados nesse período festivo é contra as leis judaicas. Assim, ele simboliza a fé e o sagrado;

O trigo, componente essencial do pão, para os egípcios, o trigo simbolizava a imortalidade e estavam associados também à fertilidade, as colheitas e, sobretudo, ao verão;³²

A maçã está associada ao relato bíblico do Jardim do Éden. Deus proibiu comer da árvore do conhecimento do bem e do mal, a maçã passou a simbolizar o fruto proibido. Desta desobediência, Adão e Eva foram expulsos do paraíso, introduzindo o pecado no coração da humanidade. (Gn. 2, 16-17);

O pão é o símbolo do alimento essencial. No AT, o pão ázimo (sem fermento) simbolizava as privações do povo hebreu escravizado no Egito. O maná é o pão caído dos céus para alimentar o

³¹JOÃO PAULO II, *Carta Encíclica, Laborem Exercens*, nº19.

³² Cf. <http://www.dicionariodesimbolos.com.br/pao>. Consultado em: 06-05-2016

povo hebreu na travessia do deserto do Sinai. Nos evangelhos, Jesus é o novo maná, o pão da vida descido do céu, que é alimento para as multidões.(Ex 12, 15-20;Jo 6, 22-58);

O azeite é sinal de bênção divina. Simboliza a alegria, a fraternidade, a riqueza e a abundância. O azeite além de servir para cozinhar também servia para curar feridas, e para iluminar. No AT, os reis os profetas e os sacerdotes de Israel eram ungidos com azeite, para significar a bênção para o exercício da missão. Nas celebrações cristãs, o azeite está presente nos sacramentos do batismo, da confirmação, da ordem e da unção dos doentes;

A oliveira, árvore que produz a azeitona, simboliza a Paz .Na Bíblia, a terra prometida, Caná, é uma «**terra onde corre leite e mel**», simboliza a abundância de bens essenciais à sobrevivência e prosperidade do povo. (Dt 6, 3);

O figo, no livro do Génesis, Adão e Eva, depois de desobedecerem e comerem o fruto da árvore proibida, tomaram o conhecimento que estavam nus, com vergonha cobriram-se com folhas de figueira. A figueira é a árvore que produz o figo. A parábola da figueira estéril, contada por Jesus, representa as pessoas que não são frutos de bondade e de fraternidade. (Gen 3, 7; Lc 13, 6-9);

O vinho, é frequentemente associado ao **sangue**. Na tradição Bíblica **simboliza a alegria**. No Evangelho de S. João, é um dos elementos principais, a par do pão, da celebração da eucaristia. A videira era considerada uma árvore sagrada pelos povos do Médio Oriente.

O Povo hebreu é influenciado pela cultura dos povos que o rodeiam e adapta os seus símbolos. Na simbologia Bíblica, a videira, tal como a oliveira, é uma árvore messiânica e a vinha, tal como o vinho, representa a vinda do reino de Deus.³³

Os relatos bíblicos também nos fazem alusão à relação de Jesus com os alimentos, assim como também fazem referência que Jesus se sentava à mesa e fazia as refeições com os gentios, (não-judeus), o que de certa forma era uma afronta à lei, pois ia contrariar os rituais que os essênios tanto prezavam e respeitavam. Jesus com estas atitudes desafiantes pretendia mostrar que as pessoas estavam acima da lei, e dos rituais. Jesus queria mostrar que os alimentos, sendo uma criação e dádiva de Deus, então é para todos e para o bem de todos. Repartir, partilhar, são gestos de profunda gratidão e reconhecimento. Quem não aprendeu a partilhar, não sabe nada da fé, da caridade e da solidariedade, partilhar é essencial, são gestos de Jesus. "*Reparte teu pão com o faminto*" (Is 58,7).

³³ Cf. Manual do aluno, *Nós e o Mundo*, Secretariado Nacional da Educação Cristã,2009,P.153.

Este repartir e partilhar, leva-nos a fazer uma leitura mais iluminada e consciente sobre as Bem-Aventuranças. Jesus apresenta-se como o pobre; com fome e sede de justiça; a fraternidade; a misericórdia divina; com a generosidade; a alegria; a compaixão; a verdade; com a alegria no partilhar na promoção da paz, com a solidariedade e no viver de acordo com a proposta que Jesus. nos apresentou.

«Deus destinou a terra e tudo o que ela contém para uso de todos os homens e de todos os povos[...]Esta, pela sua própria fecundidade e capacidade de satisfazer as necessidades do homem, constitui o primeiro **dom** de Deus para sustento da vida humana³⁶¹ [...]».³⁴

³⁴ JOÃO PAULO II, *Carta Encíclica, Centesimus Annus*, nº31.

3-Pão Partilhado a Última Ceia:

O pão representa um dos alimentos essenciais mais antigos, está presente nas várias cultura do mundo, simbolizando não somente um alimento para o corpo, mas tem simbologias representativas como o alimento espiritual, o pão também simboliza a vida, a renovação a prosperidade a humildade e o sacrifício. Nas parábolas de partilha, o copo de água pedido à mulher samaritana, o vinho novo servido nas bodas de Caná, a cura dos leprosos e de tantos outros enfermos, a oferta de ajuda ao paralítico, em tantas outras situações, Jesus repartiu e convidou a repartir tudo o que podia salvar outros.

«No Cristianismo o pão simboliza o corpo de Cristo, escolhido por ele na Última Ceia, para representar seu corpo “*O Pão da Vida*”, enquanto que o vinho representa o sangue de Jesus. Nesse ínterim, partir o pão simboliza o sacramento cristão, ou seja, a partilha, o Cristo Eucarístico e da Comunhão. Além disso, Jesus multiplicou os pães e os peixes, a fim de acabar com a fome de seus fiéis, alimentos estes que simbolizam a ressurreição e a eternidade: “(...) *quem comer deste pão viverá eternamente*”. Para tanto, esse alimento sagrado, segundo os cristãos deve ser produzido com o trabalho, a dedicação tal qual Jesus afirma para Adão: “*Com o suor de teu rosto, comerás teu pão*”.»³⁵

Para Jesus, as refeições foram espaços privilegiados de encontro, acolhimento, partilha e ensinamento. No contexto atual, também consideramos o momento das refeições, espaços de momentos de prazer e de convívio, é nesse momentos que a família e amigos confraternizam, assim como partilham conhecimentos de geração em geração, partilham experiências do dia a dia, onde se revelam e partilham ansiedades e alegrias, são de fato momentos que dão sentido ao termo família. Transforma-se o momento da refeição em grandes momentos de união.

Preparar a mesa e comer é todo um ritual. Comer é mais do que alimentar-se para garantir a nossa vida, é entrar em comunhão por meio dos alimentos. Por isso, a mesa, a ceia, o banquete são cercados por um sem número de símbolos. O próprio Reino de Deus, a utopia de Jesus, é apresentado como uma ceia ou um banquete (Lc.14,15-24; Mt.21,1-10).

³⁵ <http://www.igrejacampogrande.pt/cg/?p=2170> Consultado em: 05-05-2016

«Naqueles vastos campos da Galileia, Jesus propõe a grande mesa da comunhão universal, a mesa “fora dos templos” que inclui a todos, sem distinção. O gesto da benção instauro o horizonte da partilha, em que as coisas são destinadas à necessidade de todos por meio da co-responsabilidade dos participantes no banquete da Criação, sobre cuja mesa Deus preparou pão em abundância para todos. A comunhão bíblica se realiza entre os “distantes”, por meio de um gesto que não é de poder, mas de esvaziamento, não é de apropriação, mas de partilha, não é de fechamento, mas de abertura das mãos que acolhem, que distribuem[...] A mesa da refeição se torna lugar de humanização do ser humano. Espaço de verdadeira reserva de humanidade. Muitos são aqueles que sabem abrir as mãos, partir o pão, saciar a fome do irmão. É nesse universo de mesa-refeição que o ser humano vai se autoconstruindo, autodefinindo como ser que é humano, mas também divino. Diviniza-se humanizando, humaniza-se divinizando».³⁶

Podemos constatar a relação que Jesus tinha com os seus discípulos e a forma como partilhavam as suas refeições. Jesus entrava em contenda com os fariseus quando estes exaltavam a lei em primazia à relação com o “outro” Jesus Dizia que os fariseus honravam Deus, através da lei com todos os rituais mas, não com o coração.(Mt. 7, 2-9).

É interessante também evidenciar o episódio de Jesus com a Samaritana, a quebra de regras, os judeus não se davam com os samaritanos, Jesus falava com uma mulher, o que também não seria bem visto. Jesus pôs a relação humana acima da lei. A mensagem que Jesus passou com a analogia da água, “a água viva” (Jo 4-10), sendo a água é um bem essencial à vida, Jesus apresenta-se como sendo Ele o poço que é capaz de dar água viva que mata a sede e salva para sempre. Jesus expressou o amor a toda a humanidade pela “água viva”. Vimos, que também aqui utilização da simbologia dos alimentos, que era utilizada por Jesus, para se fazer anunciar como o salvador da humanidade.

«Jesus entra muitas vezes em conflito com os fariseus pelo facto de eles darem muita importância a estes rituais de purificação e esquecerem o essencial, ou seja que no centro da atenção de Deus está o bem de todas as pessoas. Deus criou os alimentos para que todos tenham acesso aos mesmos».³⁷

«Jesus Cristo, o Filho de Deus, passa pelo mundo curando os abatidos pelo desânimo e sofrimento, ensinando a partilha, a divisão dos bens. Multiplicar cinco pães e dois peixes, mais do que um ato mágico, é sinal evidente de que onde há partilha ninguém passa necessidade.»³⁸

³⁶ <http://www.catequesehoje.org.br/index.php/raizes/espiritualidade/136-passagem-do-partir-o-pao-para-o-ser-pao-repartido> Consultado em:06-05-2016.

³⁷ Manual do aluno, *Nós e o Mundo*, P.152.

³⁸ <http://www.franciscanos.org.br/?p=17365#sthash.xB8NiiQN.dpuf> Consultado em: 06-05-2016

Com todas estas citações e referências, vimos realizada aqui a inversão **do pão da posse**. Para o **pão da partilha** e da solidariedade. Quando Jesus quis deixar-nos, usou exatamente um momento de refeição. A Última Ceia foi a última refeição que Jesus tomou com os seus Apóstolos, Jesus fez desse momento um momento de partilha, com um grande significado para todos os cristãos.

«Nesta refeição; «Jesus atribuiu um novo significado ao Pão e ao Vinho. De acordo com a narração dos factos em (Mc 14, 22ss), tomou o pão, deu graças a Deus, partiu-o pelos seus discípulos, dizendo « Tomem. Isto é o meu corpo.» Depois pegou no cálice do vinho, deu graças a Deus, passou-o aos seus discípulos e todos beberam dele. E disse-lhes:« isto é o meu sangue, o sangue da aliança de Deus, derramado em favor da Humanidade». Desta forma, Jesus anunciou que ele próprio se encontrava presente no pão e no vinho.»³⁹

Esta dádiva fraterna pelas pessoas é repetida cada vez que se celebra a Eucaristia. Segundo Sergio Bastianel, o pão e o vinho são realidades-símbolos, sustentam a nossa vida. Na história da humanidade foram também causas de divisões e litígios, foram motivos de guerras e de morte. Pela posse do pão, os homens se tornam inimigos. O pão não partilhado é causa de morte, e de desavenças.

A Eucaristia nos une ao Pai e renova o compromisso de nos unirmos aos homens pela vida e ação. Assim o pão e o vinho, simples bens alimentares, passaram a assumir um novo significado. Pão e Vinho, constituem um binómio tão familiar á nossa vida quotidiana como essencial na história da simbólica sacramentalidade humana e cristã. É um gesto de dádiva e partilha fraterna que se repete sempre na celebração da Eucaristia, em memória de Jesus.

A partilha significa relação. Isso significa também justamente como a própria comunidade crente entende o seu ser. Cf. Bastianel, “em torno do pão”, é possível celebrar a eucaristia, reconhecer e acolher o seu significado, reconhecer que a comunhão da vida na terra passa necessariamente pela partilha do que é essencial para viver. Nesta base, a instância ética de buscar o bem comum. A unidade na Igreja identifica-nos como discípulos de Cristo. Ele mesmo, antes de morrer, lembrou que o mundo creria n'Ele, se os discípulos se mantivessem unidos.

A unidade é, portanto, um desafio e uma exigência. É a nossa força e o nosso poder de convicção. sinal de autenticidade cristã, os discípulos devem ter atitudes diferentes, ter o coração voltado para

³⁹ Manual do aluno, *Nós Mundo*, P.159.

Deus e à justiça. Jesus adquiriu um novo sentido, o Amor ao próximo, Amor ao irmão sem falsidade. Os discípulos buscam Deus com o coração. No Novo Testamento, o dom de Deus é a nova aliança em Jesus Cristo.

O modelo do novo relacionamento com Deus expresso na oração do “Pai Nosso”, há um compromisso com o Pão e a liberdade de cada um de nós. A oração do “Pai Nosso”, é a realização das Bem Aventuranças. A novidade do Sermão das Montanhas é concretizada. Jesus deu um novo sentido à vida de todos nós, com a novidade da misericórdia e da salvação. O Novo Povo de Deus, é formado por judeus, gentios e por toda a humanidade. Na comunidade de Jesus, a graça supera a lei. Inicia-se a inversão do velho sistema. A gratuidade segue o caminho da cruz.

A ética das bem-aventuranças: «a mensagem das bem-aventuranças, como ressoa na versão de Mateus do Sermão da montanha (Mt 5-7) e no traslado lucano do Sermão da planura (LC 6,20-49), tem um contexto de significado preciso nas tradições bíblicas, um contexto de fé: o reino de Deus que se consuma em Jesus Cristo. Esta realidade nova que se realiza na história dos homens é dom absoluto do Senhor. A bem aventuranças anunciam o senhorio de Deus como realidade presente, não apenas expectativa de um futuro, e como decisão que Deus leva a cabo na sua plena liberdade, com uma gratuidade não condicionada pela iniciativa humana [...] Na palavra e nos gestos de Jesus de Nazaré este anúncio chega como boa-nova aos pobres, marginalizados, aos excluídos[...].»⁴⁰

A vida Cristã consiste em **seguir** e imitar o exemplo de Jesus. Agora não só com um povo, mas com todos os povos. Jesus Cristo sofrendo na cruz por todos nós, deixou-nos um legado, para que sigamos os seus passos. Abriu-nos um novo caminho. Se o seguirmos as nossas vidas recebem um novo sentido. A comunhão com Jesus, tornou o lugar do seu discernimento e ação.

⁴⁰ BASTIANEL, Sergio, *Moralidade Pessoal na História*, P.48-49.

Hino da Esperança

«Ao amor que te arrasta não perguntes:

Onde vais?onde vais?Irei contigo.

No corpo da terra semearás .

Flores de trigo;Flores de trigo.

E às bocas da fome anunciarás .

Pão de paz, pão de paz. Irei contigo.

Se aos homens vais falar de caridade,

e da paz, e da paz. Irei contigo .

Se a estrada que percorres é de paz,

e justiça e justiça. Irei contigo.

Se a esperança cai desfeita a teus pés,

recomeça, recomeça.Irei contigo.

Se as trevas da mentira te cercarem,

busca a luz, busca a luz. Irei contigo.

Só Cristo feito pão na Eucaristia,

Nos sacia, nos sacia. Irei contigo».⁴¹

(Julio Baudoim/Daniel Robles)

⁴¹ <https://www.musicristo.pt/canticos/ver/flores-de-trigo-2/> Consultado em: 01-04-2016

4-Cultura,ecologia e economia:

Fazendo uma reflexão ética acerca das questões de desenvolvimento, reconhecemos que há diferenças abismais, no desenvolvimento dos países do norte relativamente aos países do sul. A economia de desenvolvimento tem implicitamente a relação, onde o fulcro principal é o homem. O homem é o motor e o impulsionador da economia e das relações sociais e económicas que se desenvolvem. «Tem, em contrapartida, a tarefa de refletir sobre os diversos contributos para mediar uma perspetiva global de sentido que seja capaz de os integrar tendencialmente numa finalidade unitária humanamente judiciosa».⁴²

Impulsionada pela revolução industrial, o avanço tecnológico, dinamizou e desenvolveu a economia em grande parte dos países. Arrastou simultaneamente a grande delapidação dos recursos naturais. Feito de maneira pouco responsável, pondo em risco o meio ambiente.

«O desenvolvimento tecnológico pode induzir à ideia de auto suficiência da própria técnica, quando o homem,interrogando-se apenas sobre o *como* , deixa de considerar os muitos *porquês* pelos quais é impedido a agir. Por isso a técnica apresenta-se como fisionomia ambígua.Nascida da criatividade humana como instrumento da liberdade absoluta; aquela liberdade que quer prescindir dos limites que as coisas trazem consigo. O processo de globalização poderia substituir as ideologias com a técnica,³passando esta a ser um poder ideológico que exporia a humanidade ao risco de se ver fechada dentro de um *a priori* do qual não poderia sair para encontrar o ser e a verdade».⁴³

Com um desenvolvimento descontrolado em termos ambientais, tornou-se emergente tratar destas questões ecológicas, no sentido de alertar e responsabilizar as comunidades e as grandes empresas, para que haja uma legislação ambiental,com a finalidade de proteger o nosso planeta. A vida humana, tal como outras formas de vida, fazem parte do sistema ecológico e ambiental, estão intimamente ligados. A ética visa neste sentido a nossa forma de agir e reagir perante esta situação, tem que ser mais consciente e feita de uma forma onde predomine uma maior sensibilização para a sustentabilidade em termos ambientais com a gestão dos recursos naturais.Temos que ponderar esta situação responsabilizando as estruturas organizadas numa perspetiva global.

⁴² BASTIANEL, Sergio , *Moralidade Pessoal na História*, P.145.

⁴³ BENTO XVI, *Carta Encíclica Caritas in Veritate*,nº70,³Cf. PAULO VI, *Carta Apostólica Octogesima Advenis*,nº29.

Esta preocupação a nível ambiental também se tornou uma preocupação cultural. Cada um de nós nasce numa determinada cultura, com mentalidades hábitos e costumes marcados inevitavelmente pelo meio ambiente onde estamos inseridos. O nosso existir é mediado com o nosso meio envolvente. Logo é da responsabilidade de algumas estruturas a forma como gerem e condicionam o meio ambiente de determinados povos e culturas.

«A perfeição integral da pessoa e o bem de toda a sociedade são os fins essenciais da cultura; a dimensão ética da cultura é portanto, uma prioridade na ação social e política dos fiéis leigos. A desatenção a tal dimensão transforma facilmente a cultura num instrumento de empobrecimento da humanidade. Uma cultura pode tornar-se estéril e encaminhar-se para a decadência[...] o envolvimento de toda a pessoa, que nela desenvolve criatividade, a sua inteligência, o seu conhecimento do mundo e dos homens, e investe, além disso, a sua capacidade de autodomínio, de sacrifício pessoal, de solidariedade e de disponibilidade para promover o bem comum¹¹⁶⁶». ⁴⁴

A história mostra-nos que os povos que sofrem esta delapidação dos seus recursos naturais, maioritariamente não são os que mais lucram, a partilha dos lucros não tem como base a honestidade em termos económicos e relacionais é feita uma exploração de recurso e de honestidade moral. Com este novo paradigma do desenvolvimento económico, os povos vêem os seus produtos serem comercializados de forma injusta.

A comercialização dos produtos deveria ter um resultado onde os lucros fossem distribuídos de forma justa para todos. Pois só alguns desta vasta cadeia comercial se vê compensada, em detrimento dos que se sentem injustiçados pelo esforço e pelo trabalho mal pago. O comércio justo e sustentado teria que ser bom para todos. A riqueza dividida e partilhada faria de todos os povos, mais equilibrados em termos de desenvolvimento económico e social. Aqui poderíamos perguntar onde fica o conceito de bem comum? A partilha dos lucros não está distribuída com a finalidade de um valor de moralidade pessoal. Este tipo de relação implica sempre um problema ético, onde as decisões pessoais de alguns, prejudicam e dificultam o desenvolvimento de outros.

«Uma linha teológica constante (desde o Antigo Testamento à reflexão actual da Igreja) interpreta o facto das diferenças de condições sociais e económicas em relação ao sentido do viver humano e em termos de justiça e de responsabilidade, propondo finalidades e critérios de fundo. É o tema das várias formas de “pobreza” interpretadas como resultado do mal moral, como expressões de objetiva

⁴⁴ JOÃO PAULO II, *Carta Encíclica, Centesimus Annus*, n.º 50.

injustiça. Afirma-se aqui a exigência de um claro nexo entre a atenção aos valores objetivos (aos comportamentos objetivamente corretos)[...]».⁴⁵

A sociedade moderna massificou-se. Com a globalização o mundo inteiro começou a vender e a comprar bens a pessoas do mundo inteiro. A globalização trouxe coisas boas e menos boas, podemos beneficiar com a globalização, assim como poderemos ficar prejudicados com a possibilidade da especulação. Algumas empresas comprem produtos a preços muito baixos, pagando muito pouco a quem os produz. Depois vendem-nos a outros países a preços muito altos. Os países em vias de desenvolvimento abriram os seus mercados às importações e serviços, às empresas dos países industrializados e mais desenvolvidos. Nestas circunstâncias os direitos humanos em relação a qualidade de vida dos seus cidadãos acaba por ser prejudicada. A exportação de produtos agrícolas abaixo preço de produção são também grandes obstáculos para os países em vias de desenvolvimento.

« Na época da globalização, deve-se ressaltar com força a solidariedade entre as gerações: «No passado, a solidariedade entre as gerações constituía, em muitos países, uma atitude natural por parte da família ; hoje ,tornou-se um dever da comunidade». É conveniente que tal solidariedade continue a ser perseguida nas comunidades políticas nacionais, mas hoje o problema põe-se também para a comunidade política global, para que a globalização não se realize em detrimento dos mais necessitados e dos mais fracos. A solidariedade entre as gerações requer que, na planificação global , se aja de acordo com o princípio do destino universal dos bens.[...]Este princípio deve ser aplicado sobretudo-ainda que não apenas- no campo dos recursos da terra e da salvaguarda da criação, hoje particularmente delicado em virtude da globalização, que diz respeito a todo o planeta, entendido como único ecossistema».⁴⁶

Numa cadeia de Comércio Justo, existem apenas três entidades envolvidas no processo. O produtor, o importador que é uma ONGD (Organização Não Governamental de Desenvolvimento, sem fins lucrativos) e o vendedor final.⁴⁷

O comércio justo, visa criar um processo de desenvolvimento sustentável, melhorando as condições de vida e de trabalho dos produtores. Fomentando a equidade social, a proteção do meio ambiente,

⁴⁵. BASTIANEL, Sergio ,*Moralidade Pessoal na História*, P.148.

⁴⁶ JOÃO PAULO II, *Discurso à Academia Pontifícia das Ciências Sociais*, nº,3.

⁴⁷ Cf. Manual do aluno, *Estou Contigo*, P.105.

através de campanhas e informação entre todos os intervenientes da cadeia comercial. O comércio justo articula também com a necessidade de um comércio comunitário, ético e solidário. Só é possível com a contribuição de esforços das entidades públicas e privadas. O reconhecimento relativamente aos outros, conduziu-nos ao discernimento do bem e do mal, do justo e do injusto, no relacionamento dos seres humanos. Os desajustes no relacionamento prático interpessoais, negam por vezes o que se reconhece por bem na teoria.

«Paulo VI tinha uma visão articulada do desenvolvimento. Com o termo “desenvolvimento”, queria indicar, antes de mais nada, o objetivo de fazer sair os povos da fome, da miséria, das doenças endémicas e do analfabetismo. Isto significa, do ponto de vista económico, a sua participação activa e em condições de igualdade no processo económico internacional; do ponto de vista social, a sua evolução para sociedades instruídas e solidárias; do ponto de vista político, a consolidação de regimes democráticos capazes de assegurar a liberdade e a Paz.[...]».⁴⁸

Apesar da produção de bens alimentares ser suficiente para todos os seres humanos, existe muita fome e pobreza no mundo.

«Recordemos alguns elementos essenciais do problema “fome no mundo”: uma parte da humanidade não pode dispor de alimento suficiente, enquanto outros conseguem e outros vivem em abundância; o potencial dos recursos da terra não está esgotado; muitos recursos e energias estão destinados a finalidades não urgentes como necessidade de alimentação suficiente; isto acontece numa sociedade estruturada, com instituições e leis a nível regional e planetário; nos vários níveis, as tomadas de decisões relativas aos recursos (produção e distribuição dos bens) são tomadas por aqueles que não passam fome.[...] Para os crentes o exercício da livre decisão pessoal implica que a responsabilidade pelo outro seja conscientemente aceite no seio da sua relação com Deus[...]».⁴⁹

Sabemos que as causas da fome dependem por vezes de causas naturais. Mas maioritariamente é da responsabilidade humana. Há causas que determinam a escassez de alimento em certas partes do mundo, a explosão populacional, a exploração irresponsável e consumo desenfreado de matérias primas, que levam à deterioração do ambiente.

A luta para conservar o meio ambiente não pode esquecer o homem. A pior poluição será sempre a miséria, a fome, a doença e a opressão. Se não nos voltarmos todos para o que é essencial à vida humana, pouco teremos feito para melhorar a qualidade do mundo em que vivemos. Aceitar a

⁴⁸ BENTO XVI, *Carta Encíclica, in veritate* nº21.

⁴⁹ BASTIANEL, Sergio. *Moralidade Pessoal na História*, P.129-130.

responsabilidade requer convicções sólidas, e fortes motivações, para a mudança do costume moral vigente.

«Porque é imprescindível para a sobrevivência do ser humano, o acesso a bens alimentares tem sido utilizado como instrumento de hostilidade e pressão sobre as comunidades. São frequentemente os cercos às grandes cidades e às populações para forçar a rendição. Em muitas situações de conflito, o impedimento de acesso ao alimento, incluindo a proibição de “corredores humanitários”, cuja função é fazer chegar mantimentos à população, pode ser uma arma cruel, que usada para fragilizar as populações. Este comportamento, ainda que ocorra em situação de guerra é criminoso».⁵⁰

Portanto não temos outro caminho, senão o de reconhecer o valor das relações sociais, olhar para o mundo de uma forma mais objetiva, reconhecer todos os instrumentos que estejam ao nosso alcance, avaliar a realidade humana, e ajudar com ações concretas, corresponsabilizando as várias instituições no fazer da “solidariedade”. É importante uma conduta objetivamente justa. A dimensão social é corresponsável de forma direta ou indiretamente por muitos dos flagelos da realidade de fome no nosso mundo.

A participação e intervenção de uma forma positiva, pode contribuir para que a sociedade contorne situações contribuindo de uma forma mais imediata para alguns problemas mais emergentes que se apresente ao nosso redor. Se todos participarem e ajudarem no âmbito das suas possibilidades, a onda de solidariedade vê-se crescer significativamente.

« Esta responsabilidade tem um nível próximo e concreto, no fazer possível para a solução imediata do problema, e uma sensibilidade moral comum em que tais problemas não sejam descurados ou ignorados»⁵¹

⁵⁰ Manual do aluno, *Estou Contigo*, P.101.

⁵¹ BASTIANEL, Sergio. *Moralidade Pessoal na História*, P.134.

5-Desafio para a solidariedade:

A solidariedade, palavra “solidariedade” é derivada do termo “*obligatio in solidum*”.Atribuída as responsabilidades ao indivíduo, na relação coletiva à qual pertencia.

«A solidariedade é uma virtude eminentemente cristã que pratica a partilha dos bens espirituais mais ainda que dos materiais».⁵²

Os cristãos movidos pela fé, preocupam-se com o bem estar dos outros. O Apóstolo Paulo é exemplo disso quando organizou a coleta para os pobres de Jerusalém. Foi um ato concreto de solidariedade para com os mais necessitados, dando continuidade à missão e aos valores partilhados por Jesus. Paulo demonstrou um grande carácter de solidariedade e caridade, entende-se com esta missão uma expressão de graça e do agir salvífico do Pai. (II Cor 8-9). Os primeiros cristãos afirmavam um vínculo de fraternidade entre os cristãos e os gentios, simbolizava a união e amizade. Todos nós cristãos somos chamados ao serviço da comunhão e caridade. O cristão vive para partilhar. Tem consciência de que tudo o que tem e é serve para pôr em comum. Como diz S. Paulo na Carta aos Coríntios: “*Todas as coisas são vossas, mas vós sois de Cristo e Cristo é do Pai*”. O cristão administra os seus bens materiais, sociais, espirituais como dádiva de Deus que põe ao serviço dos irmãos. Em cada irmão ele vê Jesus Cristo. Partilhar será para ele servir Jesus presente em cada irmão. Cada gesto de partilha acaba por ser um ato de fé e um ato de amor

«A transformação interior da pessoa humana, na sua progressiva conformação a Cristo, é pressuposto essencial de uma real renovação das suas relações com as outras pessoas: «É preciso, então, apelar às capacidades espirituais e morais da pessoa e à exigência permanente de sua conversão interior, a fim de obter mudanças sociais que estejam realmente a seu serviço. A prioridade reconhecida à conversão do coração não elimina absolutamente, antes impõe, a obrigação de trazer às instituições e às condições de vida, quando estas provocam o pecado, o saneamento conveniente, para que sejam conformes às normas da justiça e favoreçam o bem, em vez de pôr-lhe obstáculos».⁵³

Temos que ser solidários, fazendo da solidariedade a nossa maior força no dia a dia, em diversos níveis, com estratégias eficientes. Solidariedade visa responsabilizar o homem socialmente. A solidariedade humana e a capacidade das organizações assumirem um papel em ações de ajuda, para

⁵² <http://catecismo-az.tripod.com/conteudo/a-z/s/solidariedade.htm>. Consultado em:12-05-16

⁵³ CONCILIO VATICANO II, GS, http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/justpeace/documents/rc_pc_justpeace_doc_20060526_compendio-dott-soc_po.html#A proximidade gratuita de Deus. Consultado em: 01-04-2016

minimizar as aflições e necessidades emergentes que alguns dos “nossos” irmãos passam neste momento. À primeira vista, responsabilizamos o estado e o poder político como o principal agente de cidadania e de garantia de um melhor desempenho de acompanhamento para as causas sociais, sejam elas de vários âmbitos. No contexto da presença da Igreja, como povo de Deus, na história e no meio dos outros povos, é fonte de confiança e esperança.

« Diversas causas, de natureza religiosa, política, econômica e financeira, conferem hoje a questão social uma dimensão mundial". A solidariedade é necessária entre as nações cujas políticas já são interdependentes. E ainda mais indispensável quando se toma preciso deter "os mecanismos perversos" que impedem o desenvolvimento dos países menos avançados. Urge substituir os sistemas financeiros abusivos e mesmo usurários, as relações comerciais iníquas entre as nações e a corrida armamentista por um esforço comum no sentido de mobilizar os recursos e objetivos de desenvolvimento moral, cultural e económico, "redefinindo as prioridades e as escalas de valores". »⁵⁴

Constatamos que existem movimentos e organizações civis e comunitárias sem nenhuma finalidade lucrativa, são organizações não governamentais (ONG). Implementam projetos de complementariedade social, propondo soluções interventivas promovendo os direitos de inclusão social. A Solidariedade com os mais necessitados fortalece a coesão social.

«[...]Entre nós as mais de 4000 instituições de solidariedade (41% das quais são de iniciativa da Igreja Católica)[...]Com nomes como associações de proteção ou de solidariedade, centros de bem estar (sociais, sociais-culturais, ou sociais paroquiais), infantários, institutos, misericórdias, movimentos de apoio, obras e veneráveis ordens, são manifestações do exercício de cidadania e muitas são fruto e expressão de diaconia da caridade. Todas são um contributo decisivo, imprescindível e valorizado no combate à pobreza e na promoção efectiva da inclusão social.»⁵⁵

A crise social que atravessamos é de facto penalizadora, tornando-se desafiante para as instituições de solidariedade. Não nos devemos esquecer de uma situação tão atual, que inquieta e perturba os nossos corações, quando assistimos à situação dos refugiados migrantes, com a falta de condições que afeta descaradamente a dignidade humana. Bento XVI, quando fez referência a esta situação, parecia antecipar-se no tempo, o que de certa forma nos leva a refletir que esta situação não é somente dos nossos dias, nem tão atual como pensávamos, sempre existiu, embora desconhecida pela maior parte da população.

⁵⁴ CIC,nº2438.

⁵⁵ MAIA, Lino,(Rev.),*As IPSS Face à crise, in Síntese., Revista de Atualidades Eclesiais*, nº 206,(2011),P.14.

«À luz do tema «uma só família humana» deve ser considerada especificamente a situação dos refugiados e dos outros migrantes forçados, que são uma relevante do fenómeno migratório. Em relação a estas pessoas, que fogem de violência e de perseguições, a comunidade internacional assumiu compromissos bem determinados. O respeito dos seus direitos, assim como das justas preocupações pela segurança e pela unidade social, favorecem uma convivência estável e harmoniosa. »⁵⁶

Estamos perante o olhar interpretativo dos valores da vida social, é importante que não nos esqueçamos que a partilha com a finalidade para o bem comum são valores de todos os cristãos e de todo o cidadão. Há uma corresponsabilização social para minimizar o sofrimento daqueles que por si só, não reúnem condições que lhes garanta uma vida com dignidade. O Concílio Vaticano II (*GS*) alerta-nos para uma solidariedade de relação. « *Por isso é que todos conhecerão que sois meus discípulos: se vos amardes uns aos outros* » (Jo 13, 35).

Ser solidário é também uma oportunidade de mudar o paradigma à recuperação dos valores humanos, assegurando a dignidade da pessoa, indo contra o individualismo à cultura do “salve-se quem puder”. A solidariedade é um dos valores mais importantes no que consiste em ajudar e partilhar com os outros. Os tempos que vivemos são hoje de manifesta dificuldade para muitas e muitas pessoas. A capacidade de resposta das diversas instituições é já insuficiente face ao crescente número de pedidos de auxílio de famílias em desespero. Nas escolas, uma das nossas funções é educar para os valores, é transmitir aos alunos a necessidade de se ser solidário, de se estar atento ao mundo que nos rodeia e de escutar os apelos dos que estão em dificuldades. Ser solidário é partilhar o que se é, o que se sabe e o que se tem.

Verifica-se uma desigual distribuição de riquezas. A falta de emprego o emprego precário e a baixa remuneração, cria um grande fosso na sociedade. Existem os ricos por um lado e os pobres por outro. A pobreza é uma manifestação grave do mal, provocado pelo egoísmo da própria humanidade. Só uma distribuição justa e equilibrada poderia acabar com a pobreza e dar a cada um os bens essenciais a que têm direito.

Perante esta desigualdade na distribuição dos alimentos, a sociedade civil foi-se organizando e criando organizações com intensão de defender as populações dos abusos, das injustiças, do real direito à alimentação.

⁵⁶ BENTO XVI-, *Uma só Família Humana*, in *Síntese, Revista de Atualidades Eclesiais*, PALAVRA DO PAPA., nº206, (2011), P.53.

A Igreja Católica, inspirada no Evangelho, está empenhada na luta contra a fome. « A Santa Sé participa na ONU e nas assembleias-gerais da FAO como observadora, o que lhe permite denunciar a pobreza e contribuir para desbloquear situações em que se impõe a procura de entendimentos entre os diferentes países e a defesa dos mais pobres.»⁵⁷

A FAO-é uma organização para a alimentação e agricultura (*Food and Agriculture Organization*).É um organismo que faz parte das Nações Unidas. É muito importante no sentido que promove o desenvolvimento no âmbito rural, desde os programas de aperfeiçoamento e eficiência na produção agrícola, criação de gado, no combate à fome e na preservação dos recurso naturais. Também fomenta e regula o desenvolvimento da pesca e das energia renováveis.Portanto é um organismo muito importante para os países em desenvolvimento. ⁵⁸



«Estas organizações têm obtido o respeito e a confiança da opinião pública, uma vez que contribuem para a defesa da qualidade de vida das populações mais desfavorecidas, prestam ajuda humanitária e auxiliam em casos de emergência. A sua atuação permite evitar ou resolver muitas situações de risco. São exemplos disso a FAO e o Banco Alimentar contra a fome.»⁵⁹

O Banco Alimentar contra a fome tem como objetivo a partilha, o que quer dizer alimentos para todos, “aproveitar” onde sobra para distribuir onde falta. Existem vários Bancos alimentares no nosso país, que reabastecem ao longo de todo o ano, Instituições de Solidariedade.

O Banco Alimentar, recebe toda a qualidade de géneros alimentares. Contribuem para esta coleta, indústrias agro alimentares e pessoas singulares que queiram contribuir com qualquer género alimentar ou com donativos em dinheiro. A logística da recolha dos bens alimentares carece de voluntários, pois a recolha e reorganização dos alimentos tem que ser bem gerida, no sentido da separação do tipo de alimentos e da verificação da sua periodicidade. É um trabalho de grande monta, devido à quantidade de alimentos recolhidos, nomeadamente nos dias de campanha junto às grandes superfícies comerciais. A recolha dos bens alimentares respeita as normas de segurança e higiene alimentar, assim como a conservação, também garante a sua perfeita qualidade. Os Bancos Alimentares acompanham e partilham a ação das instituições no sentido de lutar contra a exclusão social.

⁵⁷ Manual do aluno, *Estou Contigo!* P,105.

⁵⁸ Cf.*Ibidem*,.P.105

⁵⁹.*Ibidem*, P.106.

« O trabalho dos Bancos Alimentares assenta nos princípios da solidariedade e da partilha e é exercido por voluntários, ao abrigo da lei do mecenato»⁶⁰



Mesmo no mundo capitalista onde o tempo representa dinheiro, existem pessoas que se preocupam com o próximo, ajudam sem esperar nada em troca. São chamados de voluntários. Operam nas mais diversas áreas; na saúde, na educação na ação social, no desenvolvimento na proteção civil, etc.

«O voluntariado orienta-se pelos princípios da solidariedade, da cooperação, da gratuidade, da participação e da justiça e procura responder às necessidades e objetivos de quem solicita a sua intervenção. Em Portugal, muitas instituições direcionadas para a educação, para a saúde, para o apoio a idosos, desempregados e crianças dependem do trabalho de voluntariado».⁶¹

A igreja Católica é responsável por uma percentagem muito elevada de instituições e organismos que prestam voluntariado ao serviço da promoção da dignidade humana. O cristão sabe que o verdadeiro amor a Deus passa pelo amor ao próximo e exige ações concretas. Quem vive numa situação privilegiada em relação à maioria, deve agir e partilhar com os mais pobres. Amar os outros é mais do que partilhar bens materiais, é dar-mo-nos a nós mesmos!⁶²

«os voluntários missionários são pessoas que, motivadas pelo desejo de agir em prol do desenvolvimento das populações mais desfavorecidas e pela vontade de dar a conhecer os valores do Evangelho aos povos que ainda não conhecem Jesus Cristo, partem, de livre vontade, em missão para outros países. O voluntário missionário, que desenvolvera sua ação, de forma gratuita, principalmente em países em vias de desenvolvimento, é enviado a concretizar a sua missão ao serviço da Igreja Católica, numa lógica de resposta às necessidades reais das populações com quem trabalha»⁶³

⁶⁰ *Ibidem*, P.106

⁶¹ Cf. Manual do aluno, *Estou Contigo!*, P.107.

⁶² *Ibidem*, P.114.

⁶³ (http://www.fecogd.org/vm_noticia.asp?noticiaid=32760)» Consultado em:01-05-2016

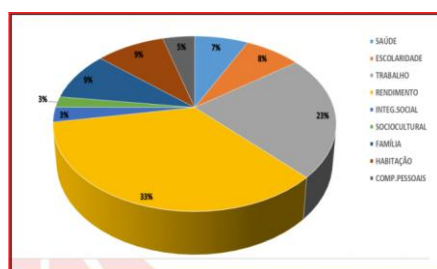
A Caritas, é uma confederação de organizações humanitárias, atua em mais de duzentos países:

A Cáritas Portuguesa é um serviço da Conferência Episcopal Portuguesa. É membro da Caritas Internationalis, da Caritas Europa, da Confederação Nacional das Instituições de Solidariedade, da Confederação Portuguesa do Voluntariado, da Plataforma Portuguesa das ONGD e do Fórum Não Governamental para a Inclusão Social. Sensibilizar para a responsabilidade coletiva e levar a efeito ações concretas, como por exemplo:

«[...]Lutar contra o desperdício de alimentos e organizar recolhas dos mesmos para entregar a quem menos tem e difundir técnicas de conservação dos alimentos; Aprender a comer com moderação, em quantidade e qualidade suficiente. Evitar o excesso de peso;-Envolver professores e jovens na defesa da inclusão nos currículos escolares do tema do direito à alimentação. Organizar concursos e teatros escolares sobre o direito à alimentação; Organizar colóquios sobre cidadania responsável e sobre o impacto das ações de cada um de nós sobre o direito à alimentação e o acesso a alimentos para todos; Defender a existência de superfícies disponíveis para hortas, reflorestar massivamente e combater a erosão dos solos; Apoiar pequenos agricultores, sobretudo mulheres; Privilegiar os métodos tradicionais de conservação e fertilização dos solos (compostagem, etc) Eliminar as barreiras culturais para o uso de métodos de cultivo modernos que respeitem o ambiente; Influenciar os poderes públicos e as autoridades para que apoiem orçamentos e legislação justa para a agricultura. Confio esta campanha a todos quantos nela participam e a intercessão maternal de Nossa Senhora que não se cansa de partilhar a Igreja a todos os seus filhos: “*Fazei o que Ele vos disser!*” (Jo 2, 5). “ Com a expressão da minha comunhão fraterna com o Senhor”».⁶⁴

Cáritas apresenta Dados dos Atendimentos de 2015

Sexta, 06 Maio 2016 11:32



O Núcleo de Observação Social (NOS) da Cáritas Portuguesa lançou recentemente a análise dos dados dos atendimentos realizados em todo o país no último ano. Ao todo, a Cáritas atendeu 161.379 pessoas num total de 66.386 famílias.

⁶⁴ MARADIAGA, Óscar Andrés, Presidente da Caritas Internationalis, in, http://www.caritas.pt/portalegre/index.php?option=com_content&view=article&id=3476:campanha-global-contr-a-fome&catid=149:noticias. Consultado em:12-05-16

Os Problemas que motivaram os atendimentos em 2015 mantêm sensivelmente a mesma estrutura relativamente aos anos anteriores, sendo que o principal grupo de problemas causador de atendimentos está relacionado com o Rendimento (33% do total), seguido dos problemas relativos ao Trabalho (23%). Os problemas relativos à Família e Habitação rondam os 10% (de 9 a 11%) e os restantes têm valores inferiores, desde a Saúde e a Escolaridade com 6 a 8%, até à Integração Social e o Grupo Sociocultural, com 2 a 3% do total dos atendimentos.⁶⁵



Conferencias Vicentinas de S. Vicente de Paulo:

«A base do seu trabalho é a interação direta e individual com aqueles que estão com necessidades, bem como as suas famílias, independentemente das suas origens ou das suas crenças[...] a ação vicentina preocupa-se com a promoção do homem na sociedade através de um sentimento de afeto e respeito pela dignidade de cada pessoa, da oferta de amor, a que todos têm direito, da compreensão e receptividade a uma confidência ou a um desabafo, um conselho com uma palavra amiga, um olhar carinhoso, motivos de fé e de esperança»⁶⁶

Fundada em 1980, a organização internacional da Igreja Católica sob a responsabilidade da Companhia de Jesus conta com cerca de 1400 colaboradores e está presente em cerca de 50 países.⁶⁷



Comunidade Vida e Paz :

«Os princípios que regem a comunidade Vida e Paz são universais e aclamados por indivíduos em todos os cantos do mundo[...]o garante da Dignidade da pessoa Humana, trabalhando para o Bem

⁶⁵ <http://www.caritas.pt/site/nacional/> Consultado em:06-05-2016

⁶⁶ Cf. Manual do aluno, *Estou Contigo!*, P.119

⁶⁷ <http://www.ssvp.pt/> Consultado em:06-05-2016.

Comum, em nome de uma justiça social baseada no princípio da Subsidiariedade.” A comunidade Vida e Paz é um conjunto de pessoas , que partindo da ideia de comunidade acredita que é possível criar condições de Vida e paz para as pessoas sem-abrigo ou em situação de vulnerabilidade social [...]» .⁶⁸

Segundo a sugestão do manual do aluno no final da Unidade letiva, faz referência para criação de um banco de investimento solidário, pensei que seria pertinente apresentar uma proposta/ projeto a desenvolver em contexto escolar, na escola onde realizei o meu estágio pedagógico.

Faz parte deste relatório apresentar uma atividade a desenvolver com a turma. Depois de um conhecimento concreto das características da turma e da comunidade educativa, entendi que seria muito útil dar continuidade ao meu trabalho desenvolvido com a turma, com o «**Clube da Partilha e Solidariedade**» que visa desenvolver sentimentos de solidariedade, cooperação, autonomia e criatividade. Com este projeto, penso que fica concretizado todo o meu empenho e preocupação que demonstrei ao longo do estágio. Apesar de ser um pequeno gesto, pode ser que desenvolvam uma iniciativa como a de algumas grandes associações atuais.

I Cor 12, 4-11

«Há diversidade de dons, mas o espírito é o mesmo;⁵ há diversidade de serviços, mas o Senhor é o mesmo;⁶ há diversos modos de agir, mas é o mesmo Deus que realiza tudo em todos.⁷ A cada um é dada manifestação do Espírito, para proveito comum .⁸ A um é dada, pela ação do Espírito, uma palavra de sabedoria;⁹ a outro, a fé no mesmo Espírito; a outro, o dom das curas, no único espírito;¹⁰ a outro, o poder de fazer milagres; a outro a profecia; a outro, o discernimento dos Espíritos; a outro, a variedade de línguas; a outro, por fim a interpretação as línguas ¹¹ Tudo isto , porém, o realiza o único e o mesmo Espírito, distribuindo a cada um, conforme lhe apraz.»

⁶⁸ Cf. Manual do aluno, *Estou Contigo!*, P.119

III- Capítulo:

1. Memória descritiva da Proposta/ projeto.

Agrupamento de Escolas D. Dinis-Escola Básica 2-3 Damião de Gois.



A proposta do clube visa integrar todos os alunos da escola, desde que estejam interessados em participar. Sendo este clube implementado no âmbito da disciplina curricular, E.M.R.C.

O clube será orientado pelo(s) professor (es) de EMRC.

Tendo como finalidade o funcionamento do Clube de EMRC, a ocupação dos tempos livres motivar e incentivar os alunos de forma a dinamizar com atividades forma criativa, formativa e socialmente útil na “Partilha e Solidariedade” de modo a atingir os objetivos que se propõe:

Fazer uma experiência que favoreça a sua maturidade cívica e sócio afetiva e que crie atitudes e hábitos positivos de relação e cooperação. (partilha / solidariedade) quer no plano dos seus vínculos de família, quer nos da intervenção consciente e responsável na realidade circundante. Desenvolver sentimentos de solidariedade, cooperação, autonomia e criatividade.

Objetivo: promover a partilha, o cuidar do outro, reconhecer o valor da solidariedade

Promotor da proposta /projeto:

Professora estagiária: Rosalina Rodrigues

Maio-2016

2.-FICHA DE INSCRIÇÃO



CLUBE DA PARTILHA E SOLIDARIEDADE

A desenvolver na Escola Básica 2-3 Damião de Gois.

ANO LETIVO-2016/17

NOME **ANO** **TURMA**

NASCIDO (A) EM **A / / 20.....**

MORADA

TELEFONE

ENCARREGADO DE EDUCAÇÃO

TELEFONE DO TRABALHO



FICHA DE INSCRIÇÃO

CLUBE DA PARTILHA E SOLIDARIEDADE

A desenvolver na Escola Básica 2-3 Damião de Gois.

ANO LETIVO-2016/17

NOME **ANO** **TURMA**

NASCIDO (A) EM **A / ... / 20**

MORADA

TELEFONE

ENCARREGADO DE EDUCAÇÃO

TELEFONE DO TRABALHO.....



3.-REGULAMENTO INTERNO DO CLUBE DA PARTILHA E SOLIDARIEDADE

(Nº2, 5º Do Anexo do Despacho 141 / ME / 90)

3.1-FINALIDADE:

Destina-se o presente regulamento a garantir o profícuo funcionamento do Clube de EMRC “Partilha e Solidariedade” de modo a atingir os objetivos que se propõe.

3.2-Destinatários Do Clube:

3.2.1-Destina-se o CPS a todos os alunos da **Escola Básica 2-3 Damião de Gois.** que, através da ocupação dos seus tempos livres, de uma forma criativa, formativa e socialmente útil,⁶⁹ em atividades de complemento curricular de natureza eminentemente lúdica, cultural e formativa⁷⁰ desejem:

3.2.2-Promover a sua formação integral e a sua realização pessoal e contribuir para a formação integral e realização pessoal dos outros.⁷¹

3.2.3-Fazer uma experiência que favoreça a sua maturidade cívica e sócio afetiva e que crie atitudes e hábitos positivos de relação e cooperação. (partilha / solidariedade) quer no plano dos seus vínculos de família, quer nos da intervenção consciente e responsável na realidade circundante.⁷²

⁶⁹ Cf. alínea f), Artº 3º e nº1, Artº 48º da LBSE e nº1, Artº 8º D.L. 286/89.

⁷⁰ Cf. nº1,2º do Anexo ao Despacho 141/ME/90; nº1 do Artº 8º do DL 286/89.

⁷¹ Cf. nº2, 2º do Anexo ao Despacho 141/ME/90.

⁷² Cf. h), Art.8º da LBSE.

3.2.4-Alcançar um enriquecimento cultural e cívico e uma maior inserção na comunidade.⁷³

3.2.5-Desenvolver sentimentos de solidariedade, cooperação, autonomia e criatividade.⁷⁴

4.-PARTICIPANTES:

4.1-O número de participantes será limitado, em função:

- a.** Do desenvolvimento das atividade.⁷⁶
- b.** Do número de animadores e sua capacidade de resposta às necessidades
- c.** E, sobretudo da profícua prossecução dos objetivos do Clube.

4.2-São considerados membros efetivos os alunos que, depois de terem participado em, pelo menos, três encontros e de se terem inteirado dos objetivos do Clube, das suas estratégias e do seu Regulamento Interno, se sintam identificados com o projeto, o queiram assumir e nele participar ativa e responsavelmente..

4.3-Cada elemento do Clube deverá exercer as tarefas de que se incumbiu de uma forma pessoal e responsável.

4.4-A admissão de novos elementos será feita por consenso unânime dos elementos efetivos e após o percurso feito no número 4.2.

4.5-Os alunos que decidam fazer parte do Clube deverão preencher devidamente uma ficha de inscrição onde constará a assinatura do Encarregado de Educação autorizando a sua integração, no caso de alunos com idade inferior a 16 anos.

⁷³ Cf. nº2 do Artº 48º da LBSE.

⁷⁴ Cf. nº5 do Artº 48º da LBSE.

5.-SIMPATIZANTES:

O Clube estará aberto a qualquer visitante, seja aluno, professor, funcionário ou encarregado de educação quer com o fim de ocupar o seu tempo livre, quer por curiosidade, ou para uma possível integração.

6.-DIRECÇÃO:

6.1-Composição:

O funcionamento correto e frutuoso do Clube é assegurado pelo professor de EMRC, outros professores que se sintam identificados com o projeto, por um presidente, um secretário e um tesoureiro, estes eleitos, por um ano, com voto secreto dos elementos efetivos, por maioria

6.2-Funções:

6.2.1-Professor Assistente:

Compete ao professor assistente (com a participação, iniciativa e criatividade dos alunos)⁷⁵.

- a.** Estruturar o projeto a apresentar ao Conselho Pedagógico.
- b.** Planificar as atividades previstas no projeto.
- c.** Acompanhar as ações.
- d.** Avaliar os resultados.⁷⁶

⁷⁵ Cf. nº4 do Artº 48º da LBSE.

⁷⁶ Cf. Alíneas, a), b), c), d), 6º do Anexo ao Despacho 141/ME/90.

6.2.2-Presidente:

Compete ao presidente:

- a.** Coordenar os encontros.
- b.** Representar o Clube em atos oficiais.
- c.** Ser elo de ligação entre o grupo e o professor responsável ou órgãos de gestão da Escola.
- d.** Coordenar, juntamente com o professor responsável, as atividades do grupo.

6.2.3-Secretário:

Compete ao secretário ter um dossier com as fichas dos elementos do Clube e as autorizações dos encarregados de educação devidamente organizado.

6.2.4-Tesoureiro:

Compete ao Tesoureiro:

- a.** Arrecadar o contributo voluntário dos donativos do Clube.
- b.** Prestar contas no final do ano letivo.

7-ENCONTROS:

7.1-Em princípio, os encontros são semanais, às quartas-feiras, das 13.20 às 14.15 horas. Esta calendarização é flexível, adaptável a quaisquer eventualidades que o justifiquem, podendo, por isso, ser alterado o dia, a hora, a duração dos encontros, a ordem normal dos trabalhos, em função das necessidades.

7.2-Cada encontro constará, em princípio, de duas partes: uma parte cultural e outra lúdica qualquer delas com carácter formativo, tendo por objetivo dinamizar projetos de partilha e a solidariedade com a comunidade envolvente/outros.

7.3-Em cada encontro será elaborada, com o contributo de todos, uma ordem de trabalhos, visando preencher cada uma das partes que constituem o encontro, a cultural/social e a lúdica. Os itens mais votados constituirão as atividades de cada encontro.

Quer na elaboração da ordem de trabalhos, quer na votação é de suma importância (e o assistente deve velar por isso) ter em linha de conta os objetivos a que o Clube se propõe.

7.4-É indispensável um clima de descontração, espontaneidade, espírito de equipa, amizade, solidariedade, diálogo. Todavia o tempo deverá ser bem gerido, sem dispersões a fim de se conseguir realizar todas as atividades previamente agendadas, assegurando-se assim a consecução dos objetivos.⁷⁷ O relacionamento entre os participantes deve ser informal.⁷⁸ Todavia, tanto na parte cultural como na parte lúdica, deverão ser respeitadas as regras do diálogo, do respeito, da amizade, da solidariedade.

8.-FALTAS:

As atividades de complemento curricular são de frequência facultativa⁷⁹ e, por isso, não existe limite de faltas. Todavia:

8.1-Só são considerados elementos efetivos do Clube os alunos inscritos e com razoável grau de assiduidade.

⁷⁷ Cf. nº1, 5º do Anexo ao Despacho 141/ME/90.

⁷⁸ Cf. nº1,5º do Anexo ao Despacho 141/ME/90.

⁷⁹ Cf. nº1, Artº 8º do DL nº 286/89.

8.2-Por uma questão de respeito, responsabilidade, amizade e solidariedade, as faltas por motivos justificados devem ser notificadas, mesmo verbalmente, perante o presidente ou o Assistente do Clube.

9.-AVALIAÇÃO:

9.1-Por norma, em cada encontro, far-se-á a avaliação quer da parte cultural quer da parte lúdica, incidindo a mesma sobre os objetivos se foram atingidos e sobre aspetos positivos a melhorar e negativos a superar, procurando-se sempre estratégias de remediação.

9.2-No final do ano, far-se-á uma avaliação global a entregar ao Órgão de Administração e Gestão, tendo-se em consideração a apreciação do trabalho realizado, em função dos objetivos estabelecidos e o grau de envolvimento e interesse manifestado pelos participantes na concretização das atividades.⁸⁰

10.-DISPOSIÇÕES FINAIS:

10.1- O presente regulamento está sujeito a todas as alterações que visem melhorar o relacionamento entre os elementos do Clube e a prossecução e consecução dos seus objetivos.

10.2-As alterações que se acharem pertinentes, emanarão da avaliação final, serão introduzidas no início de cada ano, com a anuência unânime dos elementos efetivos do Clube.

⁸⁰ Cf. nº2, 9º do Anexo ao Despacho 141/ME/90.



11- CLUBE DA PARTILHA E SOLIDARIEDADE

ENCONTRO Nº ____ LOCAL _____ DATA: __/__/__

ACTIVIDADES	RELATÓRIO
PARTICIPANTES	<div>⇒ ⇒ ⇒</div> <div>⇒ ⇒ ⇒</div>
LEITURA E ASSINATURA DO RELATÓRIO ANTERIOR	<div>Foi lido e assinado <input type="checkbox"/></div> <div>Não foi lido e assinado <input type="checkbox"/></div>
ACTIVIDADE CULTURAL :	
ACTIVIDADES LÚDICAS :	
OUTRAS:	

Observações:

O Presidente:

O Secretário :

O Professor

Pagela do Clube:

INSCREVE-TE

NO



***“Cada gesto de amor, é
partilha, um tijolo com
a qual construimos a
eternidade.***

***Tudo se decide por aqui
mesmo, nas escolhas e
atitudes de cada dia!”***

Valdirene

Conclusão:

Realizei a minha Prática de Ensino Supervisionada em 2015/2016, no Agrupamento de Escolas Dom Dinis-Escola Básica 2-3 Damião de Gois. Tive a oportunidade de lecionar a disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica, sexto ano de escolaridade. A prática pedagógica permitiu-me não só mobilizar todos os meus saberes e conhecimentos, assim como experienciar e aplicá-los em situações reais de ensino aprendizagem. Confesso que foi uma experiência única, quer ao nível da troca de ideias e partilha de saberes, quer ao nível do trabalho em equipa, sobretudo o desenvolvimento em contexto escolar, sob a supervisão Pedagógica do Professor Juan Francisco Ambrosio e pelo coordenador, Dr. António José Oliveira.

O trabalho desenvolvido com a turma que me foi atribuída foi surpreendente e permitiu-me, aula após aula, crescer e ganhar mais confiança enquanto futura docente.

Em conformidade à introdução feita para este relatório final, pretendo fazer um itinerário fundamentado a toda a minha opção de estratégias em relação ao trabalho desenvolvido. Tendo este trabalho um caráter que visa a obtenção da profissionalização, tem obrigatoriamente que fazer parte do mesmo, uma descrição sobre o meu desenvolvimento/ estratégias em contexto sobre a Prática de Ensino Supervisionada.

Conforme a descrição feita no I-Capítulo e de forma muito explícita, descrevi todo o desenrolar dos trabalhos e das estratégias enquanto docente.

Todas as minhas decisões, foram tomadas tendo em conta, o conhecimento dos alunos que me foram destinados, da caracterização da escola, assim como todo o contexto sócio - cultural e económico do meio envolvente.

Este foi o ponto de partida, para o meu fazer pedagógico. Não tendo concretamente um estudo definido para as aplicações das minhas estratégias, não poderia descurar o conhecimento no âmbito das ciências sociais, particularmente na Educação. O paradigma interpretativo tem uma grande relevância, em contextos/realidades educativas. Sendo a investigação-ação, a estratégia mais utilizada pelos professores, pois consiste na técnica da observação direta em contexto sala de aula.

Estas práticas, aplicam-se também, pelo seu carácter de flexibilidade. Os instrumentos e técnicas utilizadas foram de facto baseadas na observação e tendo em atenção ao desenvolvimento pessoal e social do aluno. A análise das informações recolhidas num determinado contexto é parte integrante de todo o processo de investigação, o que me facultou na criação de novas estratégias, que visam ir ao encontro do melhor interesse dos alunos.

A tomada de conhecimento de todas as declarações feitas, e das referências a todo este enquadramento, foi feito com conhecimento adquirido na escola, e também no site-online da Junta de Freguesia onde a escola está inserida, nomeadamente, Marvila-Lisboa. Não tendo condições nem tempo para fazer um estudo sociológico sobre toda esta envolvimento escolar, social e cultural, foi-me proposto pela Professora Cristina Sá Carvalho, fazer uma consulta online e trabalhar essa mesma informação. Estando o estudo global feito, complementei a nível de turma, com as repostas de uma ficha de caracterização feita aos alunos em contexto sala de aula, e com carácter sigiloso. A informação dada pelos alunos, forneceram-me dados para poder fazer uma caracterização de turma, mais fidedigna e mais concreta.

Todo o trabalho realizado ao longo desta prática pedagógica teve como linha orientadora a metodologia orientada para a ação centrada no aluno, em que o objetivo principal consistiu em proporcionar ao aluno aprendizagens significativas e o desenvolvimento da competência social perante a sua forma de estar e se relacionar com o “outro” em todos os âmbitos. Os meus relatórios detalhados de aula, descrevem a forma como decorreram as minhas aulas e as estratégias que desenvolvi, sempre com a finalidade de ir ao encontro dos alunos, tendo sempre consciência das características da turma. (Cf. CD em anexo).

Também fiz uma reflexão consciente sobre as opções criadas e posições assumidas durante a planificação, lecionação de aulas e avaliação dos alunos. Face ao exposto, procurei, em todo o processo, articular a minha prática pedagógica com as perspetivas teóricas que a possam fundamentar, bem como com documentos essenciais para o processo de ensino-aprendizagem.

«As teorias das necessidades e das atribuições sobre a motivação realçam a importância da utilização da motivação intrínseca, partindo dos interesses e da curiosidade dos alunos[...] Relacionar as aulas com a vida dos alunos. Encontre coisas em que os alunos, estejam interessados, ou sobre quais tenham curiosidade.[...]utilizar o nome dos

alunos, ajuda a personalizar a aprendizagem e capta a sua atenção[...]O professor pode dizer coisas que transformem as coisas comuns em novidades que entusiasmem os alunos[...]a utilização de jogos, puzzles e de outras atividades convidativas e com a sua própria motivação intrínseca, é outra forma de os professores tornarem as aulas interessantes para os alunos.».⁸¹

Tomei sempre em conta a faixa etária, o tipo de linguagem, de forma ser mais perceptível à compreensão dos alunos, a preocupação no respeito cultural de cada um deles, pois são alunos com várias proveniências culturais e étnicas. Houve de facto uma grande cumplicidade e respeito dentro da sala de aula, partilhamos o que de melhor tínhamos para dar. Foi de facto uma grande aprendizagem em termos relacionais.

O Segundo capítulo documenta toda a prática letiva, que tem a ver com a defesa nesta tese. Recai sobre uma Unidade do programa de EMRC, do sexto ano de escolaridade Neste caso sobre a UL-3 « A Partilha do Pão», Então organizei este estudo fazendo o percurso pedagógico que se apresenta no manual.⁸²

Esta Unidade Letiva, além de ter um grande interesse pedagógico, tem também a particularidade dos conteúdos lecionados fazerem parte da vida concreta de cada um de nós, a alimentação é um bem essencial para vida enquanto alimento. O ser humano não sobrevive sem comer. Aqui entra então a minha visão/estratégia de iluminar os conteúdos numa perspetiva religiosa e de cidadania, com a corresponsabilidade que daí advém.

A Unidade Letiva, tem como objetivo alertar e contribuir para que o aluno adquira um melhor conhecimento e compreensão que vive em relação com os outros, é reconhecer que deve promover a partilha e solidariedade para fortalecer e restaurar a dignidade humana, como o bem mais precioso que o homem possui. Desenvolver hábitos de partilha, solidariedade e caridade, pois são expressão do amor de Deus por cada ser humano.

Os conteúdos lecionados nesta Unidade Letiva, levam-nos a refletir sobre os direitos e deveres, assim como nas instituições e organizações que lutam e defende para que todos

⁸¹ ARENDS Richard, *Aprender a Ensinar*, Editora McGraw- Hill, Alfragide, 2008, P.157

⁸² Manual do aluno, *Estou Contigo!*, SNEC, 2015, P.80

tenham condições dignas, trabalhando a dinâmica de partilha e solidariedade de forma a contribuir para o bem comum.

A Unidade Letiva -3, está direcionada para a partilha do pão, e para **a partilha dos bens** é, pôr em comum, para ajudar os mais carenciados. Isto implica que um indivíduo seja capaz de se colocar no lugar do outro, numa relação baseada na solidariedade e de promoção para a igualdade, amenizando as diferenças existentes.

Estes temas foram muito importantes e de grande interesse pedagógico. No Evangelho e na vida concreta, pessoal e social do homem, a partilha a solidariedade tem como finalidade bem comum, que empenha todos os membros da sociedade, ou seja a partilha de “si” ao “outro”. O conceito de alimentação, vai para além de um simples gesto de ingerir alimentos. O aluno tem que perceber que pode ser “pão para os outros”, pretende-se que o aluno faça uma leitura de uma sociedade que deve desenvolver-se de uma forma integral e solidária, de forma a que haja uma maior justiça social, com um desenvolvimento mais equitativo, para que toda a pessoa se sinta dignificada, perceber como o elemento fulcral da mensagem cristã é de carácter pessoal e de relação com Deus e com cada ser humano.

O estudo desta Unidade Letiva-3 do sexto ano de escolaridade, tem abordagens curriculares e pedagógicas, que visam a partilha, a solidariedade e o voluntariado. Desafiou-me a abordar, como a sociedade e as instituições têm um papel ativo e importante na distribuição dos bens, tornando uma sociedade mais justa, uma preocupação constante com o ato de partilhar.

Compromete-nos a todos na concretização das suas finalidades e objetivos, comunga um elenco de valores e propostas para o desenvolvimento na formação pessoal e social. Os alunos estão conscientes e têm conhecimento de forma muito concreta sobre o Banco Alimentar e sobre as Instituições de Solidariedade Social, pois alguns deles, utilizam esses recursos como ajuda na sua vida familiar.

Falamos da produção dos alimentos, da sua comercialização, assim como do comércio justo, que visa criar um processo de desenvolvimento sustentável, melhorando as condições de vida e de trabalho dos produtores. Fomentando a equidade social, a proteção do meio ambiente, através de campanhas e informação entre todos os intervenientes da cadeia comercial.

O comércio justo articula também com a necessidade de um comércio comunitário, ético e solidário. Só é possível com a contribuição de esforços das entidades públicas e privadas. O reconhecimento relativamente aos outros, conduziu-nos ao discernimento do bem e do mal, do justo e do injusto, no relacionamento dos seres humanos. Os desajustes no relacionamento prático interpessoais, negam por vezes o que se reconhece por bem na teoria.

Debatemos e realizamos uma atividade sobre a má distribuição dos bens alimentares, apesar de sabermos que a produção de bens alimentares é suficiente para todos os seres humanos. Também fizemos referência do preço injusto pago aos que produzem, são vítimas de especulação comercial. Todas estas situações refletem uma grande injustiça social, é um problema que interpela a consciência pessoal e com ela a veracidade da nossa fé cristã. Os valores implicados na relação entre o homem e os bens da terra, fazem-nos interrogar sobre o significado das causas da fome.

Este foi o apelo constante feito durante as aulas lecionadas e exploradas pelos alunos em sala de aula. Tive sempre a preocupação de suscitar uma reflexão/compreensão à responsabilidade de todos pelo bem comum, contextualizada na época atual, com o respeito e na promoção integral da pessoa e dos seus direitos fundamentais. Ao empenho da paz, organizações e serviços essenciais de apoio às pessoas aos direitos do homem: alimentação, habitação, trabalho educação e acesso à cultura, saúde e tutela da liberdade religiosa.

Analisar e avaliar a importância do voluntariado, perceber a política comercial, a responsabilidade dos países mais desenvolvidos, perante os mais necessitados com falta de recursos naturais e tecnológicos. Penso que organizei bem os planos de aula e a sua dinamização, de forma a que todos os conceitos fossem trabalhados, compreendidos e debatidos em sala de aula.

Para finalizar e fomentar a responsabilidade da partilha e da solidariedade, elaborei uma proposta / projeto, a implementar no âmbito de EMRC, na escola onde realizei o meu estágio profissional. Escola Básica 2-3 Damião de Gois. Marvila-Lisboa.

Penso que depois da tomada de conhecimento sobre o percurso pedagógico da unidade letiva trabalhada, tentei desenvolver estes conteúdos de forma científica e baseada na

Doutrina Social da Igreja e nos os autores recomendados pelo Professor Orientador do Relatório final da prática de Ensino Supervisionada.

Neste tipo de relatórios, tendencialmente desenvolvemos o que mais nos preocupa enquanto professoras e cidadãs. Temos uma responsabilidade acrescida, estamos a ajudar a desenvolver e orientar cidadãos com potencial para grandes tomadas de decisão a nível social.

Sabendo e tendo consciência que a fome é de facto um grande flagelo mundial, a falta de partilha de “nós” pelos “outros” não é menos grave, pois a fome pode ser saciada com vontade política e social. Grave é a falta de cosmovisão social, grave é o individualismo e os interesses pessoais em prol dos desejos gananciosos de alguns, abusando da dignidade humana, pondo em risco o bem comum.

Penso que os professores e a disciplina de EMRC, nas escolas, contribuem grandemente, para uma melhor consciencialização do aluno, sobre a sua forma de estar e pensar, numa sociedade que carece de atos concretos de solidariedade e partilha.

«[...]O que se propõe é a criação, a partir da EMRC, de “um novo espaço de envolvimento, de reflexão e de partilha sobre os valores e dinamismos que ,em muitas situações, não encontram ecos nas tradicionais formas de comportamentos nem nas habituais formas de socialização da pessoa”.Reside aqui a dinâmica profética da EMRC, “aberta aos valores da fé e também aos valores humanos e às grandes causas do nosso tempo”, constituindo-se, assim, como “uma mais- valia para a nossa sociedade e para a Igreja.»⁸³

⁸³ LOURENÇO, João, *Dimensão profética da EMRC A Escola, o Docente, o Educando Sinais proféticos da EMRC*, in *A partir do coração do Evangelho*, Revista de Catequese e Educação. 31-32, (2015),P.12

Bibliografia:

Fontes:

Magistério da Igreja:

BENTO XVI, *Carta Encíclica Caritas in Veritate*.

BENTO XVI, *Carta Encíclica, Caritas in Veritate*.

BENTO XVI, *Uma Só Família Humana*, in, *Síntese*, Revista de Atualidades Eclesiais.

CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II.

JOÃO PAULO II, *Carta Encíclica, Laborem Exercens*.

JOÃO PAULO II, *Discurso à Academia Pontifícia das Ciências Sociais*.

PAULO VI, *Carta Encíclica, Populorum Progresso*.

PIO XI, *Carta Encíclica Quadragesimo Annus*.

Curriculares :

Manual do aluno *Nós e o Mundo*. 6^{oo} ano, Secretariado Nacional de Educação, 2009.

Manual do aluno, *Estou Contigo!*, 6^{oo} ano, Secretariado Nacional de Educação, 2015.

Programa de Educação Moral e Religiosa Católica, Lisboa, 2014.

Estudos e monografias:

ALAN Brou, *Luta Política E Fé Em Cristo*. Editorial Perpetuo Socorro, Coleção Nova cidade. 2ª Edição. Porto, 1974.

ARENDT, I. R., *Aprender a Ensinar*, Editora, McGraw-Hill, Madrid, 2008.

BAGNASCO, Ângelo, *A Igreja em defesa da escola*, Conferência proferida no laboratório nacional «A igreja pela escola», Arcebispo de Génova, Presidente da Conferência Episcopal italiana, in *Pastoral Catequética, Revista de Catequese e Educação*, nº 27 (2013) 47-54.

BASTIANEL, Sergio, *Moralidade Pessoal na História*, Temas de ética social. Ed. Cáritas Portuguesa, Várzea da Rainha, 2008.

LINO, Maia, Rv., *As IPSS, Face à crise*, in *Síntese*, *Revista de Atualidades Eclesiais*, nº 206 (2011) 11-16.

LOURENÇO, João, “Dimensão profética da EMRC A Escola, o Docente, o Educando Sinais proféticos da EMRC”, in *A partir do coração do Evangelho, Revista de Catequese e Educação*, (2015).

PEDRINHO, Dimas, *A missão evangelizadora em contexto escolar, desafios atuais no professor de EMRC*, in *Pastoral Catequética, Revista de Catequese e Educação*, nº23 (2012) 125-139.

POLICARPO, José, D., *A Escola tem futuro? A dinâmica da esperança* in *Pastoral Catequética*, nº23 (2012) 75-82.

SKINNER, A.; LOPES A.O, B.F; *Repensando a Didática*; Papirus, Campinas; 2008.

TEIXEIRA, Alfredo, *Escola e Religião*, in *Pastoral Catequética*, nº23 (2012) 4-96.

VERHACK, Etienne, *A Perspetiva de Uma Escola Católica Cada Vez Mais Multicultural*, in *Pastoral Catequética, Revista da Catequese e Educação*, nº27 (2013) 71-75.

Legislação:

LBSE: Lei de Bases do Sistema Educativo;

Planos Curriculares dos Ensinos Básico e Secundário;

Decreto Lei 286/89/de 29 Agosto .

Documentos eletrónicos:

MARADIAGA, Óscar Andrés, Presidente da Caritas Internationalis,

in,[http://www.caritas.pt/portalegre/index.php?option=com_content&view=article&id=3](http://www.caritas.pt/portalegre/index.php?option=com_content&view=article&id=3476:campanha-global-contra-a-fome&catid=149:noticias)

476:campanha-global-contra-a-fome&catid=149:noticias. Data:12-05-16

(http://www.fecogd.org/vm_noticia.asp?noticiaid=32760)»

<http://www.catequesehoje.org.br/index.php/raizes/espiritualidade/136-passagem-do-partir-o-pao-para-o-ser-pao-repartido>

<http://catecismo-az.tripod.com/conteudo/a-z/s/solidariedade.html>.

<http://jfm-marvila.pt/index.php/pi>.

<http://sociologico.revues.org/910>).

<http://www.franciscanos.org.br/?p=17365#sthash.xB8NiiQN.dpuf>.

<http://www.igrejacampogrande.pt/cg/?p=2170>

<https://www.musicristo.pt/canticos/ver/flores-de-trigo-2/>.

http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20090629_caritas-in-veritate.html.

<http://www.dicionariodesimbolos.com.br/pao>

http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/justpeace/documents/rc_pc_justpeace_doc_20060526_compendio-dott-soc_po.html#A proximidade gratuita de Deus.

Consultado em :01-04-2016

Anexos:CD do Portefólio Relatório de Estágio. Constam em suporte informático colado na contra capa.